

REGISTROS DA HETEROGENEIDADE DA ESCRITA

MARÍLIA COSTA REIS
LUCIANI ESTER TENANI

REGISTROS DA
HETEROGENEIDADE
DA ESCRITA

CONSELHO EDITORIAL ACADÊMICO
Responsável pela publicação desta obra

Lídia Almeida Barros
Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi
José Horta Nunes
Maurizio Babini

MARÍLIA COSTA REIS
LUCIANI ESTER TENANI

REGISTROS DA
HETEROGENEIDADE
DA ESCRITA

UM OLHAR PARA AS
GRAFIAS NÃO CONVENCIONAIS
DE VOGAIS PRETÔNICAS

CULTURA
ACADÊMICA 
Editora

© 2011 Editora UNESP
Cultura Acadêmica
Praça da Sé, 108
01001-900 – São Paulo – SP
Tel.: (0xx11) 3242-7171
Fax: (0xx11) 3242-7172
www.culturaacademica.com.br
feu@editora.unesp.br

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

R298r

Reis, Marília Costa

Registros da heterogeneidade da escrita : um olhar para as grafias não convencionais de vogais pretônicas / Marília Costa Reis, Luciani Ester Tenani. - São Paulo : Cultura Acadêmica, 2011.

144p. : il.

Apêndice

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7983-186-7

1. Linguística. 2. Língua portuguesa - Fonologia. 3. Escrita. 4. Língua portuguesa - Vogais. 5. Grafemas. 6. Grafologia. I. Tenani, Luciani Ester. II. Título.
11-7443.

CDD: 401.41

CDU: 81'42

Este livro é publicado pelo Programa de Publicações Digitais da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

Editora afiliada:


Asociación de Editoriales Universitarias
de América Latina y el Caribe


Associação Brasileira de
Editoras Universitárias

*Aos colegas professores,
que militam todos os dias
contra a ignorância.*

AGRADECIMENTOS

Pelos comentários generosos, pelas críticas positivas, pelas sugestões solícitas, agradecemos a Cristiane Carneiro Capristano, Fabiana Cristina Komesu, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Raquel Fiad.

Pelo financiamento concedido, agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

E, por fim, pela contribuição voluntária e pelos escritos, agradecemos aos escreventes dos textos analisados neste livro.

Escrever é ter coisas para dizer.

Darcy Ribeiro

SUMÁRIO

Considerações iniciais 13

- 1 Por uma concepção heterogênea de escrita 19
- 2 Escolhas e procedimentos teórico-metodológicos 37
- 3 Tendências das grafias não convencionais 53
- 4 As grafias não convencionais como registros da
representação do escrevente sobre a escrita 79

Considerações finais 117

Referências bibliográficas 123

Apêndices 131

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Tratar de grafias não convencionais não significa lidar com erros ortográficos. As escolhas de grafemas discordantes com a convenção ortográfica não se reduzem a simples escolhas erradas ou inadequadas, mas resultam do conhecimento de algumas características do sistema alfabético, bem como da convenção ortográfica da língua portuguesa. Neste livro, são apresentadas reflexões acerca das grafias não convencionais de vogais pretônicas, quando há trocas entre <e> e <i> e entre <o> e <u>. Para essas trocas entre grafemas de vogais, há, tradicionalmente, duas classificações: a) os chamados *erros por transcrição fonética* – definidos pela escrita de <i> e <u> em casos em que a ortografia prevê <e> e <o>, como na escrita de “piqueno” e “buneca”, que costumam ser tratados como resultado de influência da fala na escrita –; e b) os chamados *erros por hipercorreção* – definidos pela escrita de <e> e <o>, em casos em que a ortografia prevê <i> e <u>, como na escrita de “enfância” e “fogir”, que costumam ser tratados como generalização de uma regra ortográfica aprendida. Neste livro, assumimos uma perspectiva de análise contrária aos posicionamentos que levam a tratar as grafias não convencionais como erros ortográficos – resultados de interferência da fala na escrita ou de generalização de regras.

Recusa-se um posicionamento que assuma a escrita como modalidade da língua que se opõe à fala. Nega-se, também, a consideração da escrita como um sistema puro, invariável, em oposição à fala, heterogênea e variável. Assume-se, assim, o *modo heterogêneo de constituição da escrita* (Corrêa, 2004). Nessa perspectiva, a escrita é uma prática social, heterogeneamente constituída pelo trânsito do sujeito entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito. Por meio desse trânsito, o sujeito-escrevente constrói diferentes representações da escrita, que dão pistas das relações (cambiantes) que estabelece entre o oral/falado e o letrado/escrito. A assunção dessa concepção da heterogeneidade de escrita – na análise de grafias não convencionais de vogais pretônicas – conduz à premissa de que algumas dessas relações podem ser observadas por meio da análise das grafias consideradas.

A concepção adotada de escrita (a ser tratada no Capítulo 1) leva-nos a assumir, também, a heterogeneidade da ortografia. Essa heterogeneidade se dá em função das possíveis relações que as letras da escrita alfabética mantêm com os sons da fala. Uma dessas relações se estabelece com base no princípio acrofônico do alfabeto, no qual cada nome de letra indica o som por ela representado, em uma dada língua. Segundo Cagliari (2009),

o alfabeto foi criado por um princípio acrofônico, uma espécie de transcrição fonética que não pode ser usada diretamente, porque escreveria de modos diferentes uma mesma palavra da língua, quando pronunciada de modos diferentes em diferentes dialetos. (p.20)

Conforme aponta o autor, a relação que as letras estabelecem com os sons se mantém, embora a variação lingüís-

tica impeça que seja uma relação direta. Por exemplo, na modalidade do português falado no interior paulista – de onde provêm os escreventes estudados –, <e, i, o, u> podem representar [e, i, o, u] em certos contextos, nos quais a relação letra-som seria biunívoca. No entanto, como apontado por Massini-Cagliari e Cagliari (1999), a variação linguística impossibilita uma relação biunívoca – para cada letra, um som – à medida que cada palavra pode ter diferentes pronúncias, a depender da variedade da língua – ou ainda, variação na pronúncia de um mesmo segmento, em uma única variedade. Sendo assim, na variedade do interior paulista, “pedido” pode ter ou não a vogal da sílaba pretônica alçada, o que faz que a grafia de <e>, tal como previsto pela ortografia, não mantenha relação biunívoca com o som, visto que a vogal /e/, da estrutura da palavra, pode, também, ser realizada como [i] – “p[e]dido” ~ “p[i]dido”. Essa relação não biunívoca entre letras e sons não é decorrente apenas da variação linguística, pois há, ainda, outros critérios que definem a forma ortográfica das palavras. Um exemplo é o critério etimológico, por meio do qual são consideradas características da história da língua na determinação dos grafemas das palavras. Por exemplo, “descrição” e “discrição” têm grafias distintas em razão de terem origem em diferentes étimos latinos, mas podem ser homófonas, por exemplo, na variedade rio-pretense,¹ dos sujeitos-escreventes dos textos analisados, que realizam ambas as palavras como “d[i]scrição”.

A concepção de escrita assumida também nos leva a tratar das grafias não convencionais das vogais pretônicas como pontos de observação da relação do sujeito com a

1 Embora o dicionário Houaiss aponte “rio-pretano” como relativo a São José do Rio Preto, optou-se por denominar o que é natural dessa cidade como “rio-pretense”, visto que este é o adjetivo predominantemente usado pelos habitantes locais.

linguagem, com base no modo como representa a conexão entre oral/falado e letrado/escrito. A escolha das grafias de <e, i, o, u> em sílabas pretônicas como objeto de análise se deu porque a ortografia da língua portuguesa estabelece uma relação não biunívoca com o som das vogais /e, i, o, u/, visto que pode haver variação na realização das vogais /e/ e /o/, a saber: de [e ~ i] e [o ~ u], em casos em que são previstos <e> e <o> – como “m[e]dida” ~ “m[i]dida” e “c[o]zinhar” ~ “c[u]zinhar”. Há ainda a possibilidade de /e/ e /o/ terem realizações categóricas de [i] e [u] em casos em que são previstos, <e> e <o> – como “m[i]nino” e “m[u]eda”. O conhecimento dessa não biunivocidade, que conduz os escreventes às grafias não convencionais por *transcrição fonética*, como “minino” e “mueda”, acaba por levar os escreventes a tais grafias em contextos fonológicos em que há certa biunivocidade, isto é, nas quais a ortografia é <i> e <u> e a realização fonética é, respectivamente, [i] e [u] – como “infância” e “fugir”, levando a grafias não convencionais por *hipercorreção*, como “enfância” e “fogir”. Assim, dadas essas possibilidades, há dúvidas tanto nos contextos de possível não biunivocidade – sílabas pretônicas em que há, na ortografia, <e, o> – como nos relativamente biunívocos – sílabas pretônicas em que há, na ortografia, <i, u>.

Estabelecidas as perspectivas teóricas acerca da escrita e da ortografia, explicitar-se a decisão de nomear os dados que investigamos por *grafias não convencionais* e não *erros ortográficos*. Esta é uma opção teórica baseada na consideração da heterogeneidade da escrita e da ortografia. A heterogeneidade da escrita nega a possibilidade de interferência da fala na escrita, visto que seu modo de constituição heterogêneo se dá pelo encontro de práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito. Dessa forma, as grafias não

convencionais por *transcrição fonética*, longe de ser “erros” por influência da fala, são resultados da percepção, pelo escrevente, da relação que o alfabeto mantém com o fonético e o fonológico da língua. As grafias por *hipercorreção* também não podem ser reduzidas à aplicação “errada” de uma regra ortográfica, à medida que representam os resultados da percepção da não biunivocidade entre letras e sons envolvendo <e, o> que levaria os escreventes às grafias não convencionais em contextos cuja ortografia é <i, u>. Tais percepções de aspectos da ortografia, muitas vezes, conduzem os escreventes a grafar segundo a convenção ortográfica; e são essas mesmas percepções que podem levá-los a grafar de modo não convencional.

Uma vez expostos alguns posicionamentos tomados neste trabalho, define-se como objetivo central analisar as grafias não convencionais de vogais pretônicas, com base na concepção da *heterogeneidade da escrita* (Corrêa, 2004), buscando responder às seguintes perguntas:

- Há relação entre as grafias não convencionais dos grafemas <e, i, o, u> e o fenômeno de alçamento das vogais pretônicas?
- O que tais grafias revelam a respeito da representação do escrevente sobre a escrita?

Para apresentar as respostas, o texto foi organizado do seguinte modo: no Capítulo 1, são apresentadas as concepções teóricas adotadas sobre heterogeneidade da escrita e sobre a heterogeneidade da ortografia; no Capítulo 2, são definidas as escolhas teórico-metodológicas assumidas no tratamento dos dados; no Capítulo 3, é analisada a relação entre as grafias não convencionais de vogais e sua re-

lação com os aspectos fonético-fonológicos; no Capítulo 4, apresenta-se a análise de alguns textos que podem dar indícios da representação do escrevente sobre a escrita. E, para concluir, apresentam-se as considerações finais.

1

POR UMA CONCEPÇÃO HETEROGÊNEA DE ESCRITA

Neste capítulo, tratamos da concepção de escrita assumida, que se fundamenta na teoria da *heterogeneidade da escrita*, e das consequências para a concepção de ortografia, tendo em vista, principalmente, a variação linguística observada nos dados de fala e as grafias não convencionais identificadas nos dados de escrita.

A heterogeneidade da escrita

Para a realização do trabalho proposto, o de debruçar sobre o estudo da escrita, faz-se necessário, desde o início, assumir uma concepção teórica diante de tal objeto. Entre as diferentes concepções presentes na literatura, optou-se pela consideração da heterogeneidade da escrita, conforme Corrêa (1997, 2004). Nesses estudos, o autor apresenta diferentes posturas diante da relação oral/falado e letrado/escrito para, ao posicionar-se perante o quadro apresenta-

do, desenvolver a tese do *modo heterogêneo de constituição da escrita*. Às diferentes posturas a respeito da relação oral/escrito, Corrêa faz uma divisão em duas linhas. A primeira, seguida por Goody (1979 apud Corrêa, 2004) e Olson (1977 apud Corrêa, 2004), caracteriza-se pelo estabelecimento de uma dicotomia radical entre fala e escrita. A segunda linha, com base na qual Corrêa desenvolve sua tese, trata dos trabalhos que utilizam a dicotomia entre fala e escrita apenas como recurso metodológico, como Tannen (1982 apud Corrêa, 2004), Chafe (1982, 1985 apud Corrêa, 2004), Biber (1988 apud Corrêa, 2004) e Marcuschi (2001). Apesar de se opor a alguns posicionamentos tomados por esses autores – como a compartimentalização de gêneros² em um *continuum*, sugerida por Biber e reformulada por Marcuschi – reconhece-se, nos trabalhos desses autores, que há traços comuns na fala e na escrita que tornariam impossível a efetiva dicotomização. Marcuschi (2002), por exemplo, comenta o fato de os gêneros que “emergiram no último século” – como e-mails e bate-papos virtuais – apresentarem “certo *hibridismo* que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica” (p.21). À luz das reflexões propostas por essa segunda linha de abordagem da relação fala/escrita e das considerações acerca do caráter dialógico da linguagem formuladas por Bakhtin (2000, 2006), Corrêa constrói a

2 A compartimentalização de gêneros é feita em um *continuum*, de forma que os gêneros textuais estariam distribuídos de modo gradual entre os polos da fala e da escrita. Segundo tal perspectiva, os gêneros escritos e falados podem estar próximos tanto do polo da fala quanto do da escrita. Uma entrevista publicada em uma revista, por exemplo, embora se trate de gênero escrito, estaria mais próxima do polo da fala, enquanto uma notícia em um telejornal, apesar de ser um gênero falado, estaria próxima do polo da escrita.

tese da heterogeneidade da escrita que assumimos e que passamos a detalhar.

No que tange às considerações feitas pelos pesquisadores da segunda linha, tomadas como argumento para a constituição heterogênea da escrita, Corrêa destaca a especial importância das colocações a respeito da relação entre os fatos de linguagem e as práticas sociais desenvolvidas em Marcuschi (1995 apud Corrêa, 2004) e reformuladas em Marcuschi (2001). Nesses textos, o autor apresenta a fala e a escrita como fenômenos de práticas sociais de oralidade e de letramento. Considerando isso, Corrêa (2004) nota que

se os fenômenos de fala e escrita dados à observação podem ser vistos enquanto fatos linguísticos e enquanto práticas sociais, não se pode deixar de considerar a íntima relação entre um fato linguístico e uma prática social. [...] De minha parte, assumo que os fatos linguísticos do falado/escrito são práticas sociais e estão ligados, portanto, às práticas orais/letradas. (p.2)

Justifica-se, então, a opção de Corrêa, no decorrer de seu texto, pela redação *oral/falado* e *letrado/escrito* – em vez de *oral* e *letrado*, de um lado, e *falado* e *escrito*, de outro – para referir-se à linguagem e às práticas sociais simultaneamente, pois parte da consideração de que “todo fato linguístico vincula-se a uma prática social” (p.2). A consideração de que falado/escrito são práticas sociais ligadas às práticas orais/letradas, segundo o autor, nega a possibilidade de opor fala e escrita apenas por seus aspectos materiais – respectivamente, fônico e gráfico.

Defendendo a heterogeneidade constitutiva da escrita, Corrêa (2004) aproxima-se de alguns autores,³ em especial de Chacon (1996, 1998), que trabalhou “as relações entre escrita e oralidade, buscando o modo pelo qual o ritmo da escrita se ‘congela’ através de marcas gráficas” (1996, p.10). As reflexões desenvolvidas por Chacon e as considerações a respeito do gesto por parte de Luria (1988 apud Corrêa, 2004) e de Vigotski (1988 apud Corrêa, 2004) quando tratam da escrita infantil levam Corrêa (2004) a constatar a heterogeneidade da escrita desde sua base semiótica, observando que

o papel do gesto como um dos elementos não verbais coatuantes na enunciação pela escrita está ligado a outros materiais significantes, como os sinais gráficos de pontuação e as marcas fônico-acústicas ligadas aos padrões rítmico-entonacionais. Constata-se, pois, que o feixe de materiais significantes está perfeitamente integrado no modo pelo qual a escrita se processa. (p.8)

Com base nas concepções teóricas tomadas e na consideração da escrita como processo (e não na qualidade de produto, como fazem os adeptos da dicotomia radical entre fala e escrita), o autor conceitua o modo heterogêneo de constituição da escrita como “o encontro entre as práticas

3 Segundo Corrêa (2004), suas escolhas o aproximam de “Street (1984), que trata de um misto entre o oral e o letrado; Tfouni (1994), que defende o letramento como ‘um processo, cuja natureza é sócio-histórica’ (op.cit., p.50); Abaurre (1989, 1990a, 1990b, 1994) e Abaurre et al., (s/d e 1995), especialmente em seus estudos de aquisição da escrita; Silva (1991), ao tratar da escrita espontânea de crianças; e Chacon (1998), que, desenvolvendo algumas hipóteses de Abaurre sobre aquisição da escrita, vê a organização do heterogêneo da linguagem por meio do ritmo da escrita” (p.4-5).

sociais do oral/falado e do letrado/escrito, considerada a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido” (p.9).

Considerando que, no interior das mais diversas práticas sociais, é construído o imaginário social da escrita – “produto das imagens socialmente construídas sobre ela” (Corrêa, 2004, p.XIX) –, o autor propõe a apreensão de sua constituição heterogênea a partir da representação da escrita assumida pelo escrevente. Os registros dessas representações da escrita dariam contribuições à heterogeneidade da escrita. Tais representações circulariam em torno de três eixos, cujas pistas linguísticas evidenciariam a relação que propõe o escrevente entre oral/falado e letrado/escrito, bem como o modo como representa a si e ao interlocutor.

O primeiro eixo de circulação por essas representações é o da *gênese da escrita*. Para Corrêa (2004), os registros escritos associados a esse eixo são identificados por um tipo de mixagem entre o oral/falado e o letrado/escrito, em que “o escrevente confere à escrita um poder quase ilimitado de representação e fidelidade representacional” (p.82). Os registros deste primeiro eixo podem ser observados em diferentes dimensões da linguagem, das quais nos interessa, em particular, a dimensão fônica. Busca-se, com este trabalho, evidenciar que os registros deste eixo são passíveis de observação nas escolhas dos grafemas de vogais pretônicas, que indiciam tentativas de registro de certas características segmentais da fala. Conforme aponta Corrêa, nos registros dos três eixos verifica-se o modo como o escrevente se marca em sua escrita. Dentre os aspectos notados pelo autor com relação a esse primeiro eixo, destacamos “o caráter de novidade de sua intervenção” (2004, p.82) como marcas da sua individuação histórica; a “aproximação e o envolvimento entre os interlocutores” (ibidem, p.82); e a aproximação entre (sua) escrita e seu mundo (ibidem, p.129).

Como exemplo da apreensão desse eixo nos dados analisados, trazemos, de modo pontual, um trecho de um dos textos do *corpus* (Figura 1.1).

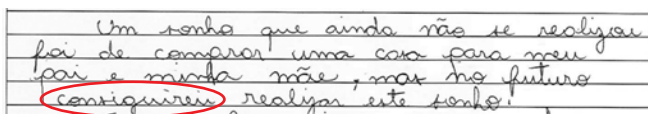


Figura 1.1 Fonte 5C_29_03.⁴ Arquivo pessoal

Sobre a grafia não convencional, observa-se uma tentativa de aproximação entre fônico e gráfico, quando, na palavra “consequirei”, o escrevente escolhe <i>, a fim de representar o som [i], possível pronúncia da palavra para o sujeito-escrevente desse texto.⁵ Essa grafia dá indícios do reconhecimento do princípio acrofônico do alfabeto, em que o nome das letras indica o som que representam na escrita. Esse reconhecimento da relação que a ortografia estabelece com aspectos fonético-fonológicos da língua revela indícios de uma suposição da escrita como “representação fiel do oral/falado no letrado/escrito, uma vez que, ao projetar um material signifiante (o fônico) no outro (o gráfico), ele tende a identificar as duas modalidades” (ibidem, p.83).

O segundo eixo é o que orienta a circulação do escrevente pelo imaginário da escrita como *código escrito institucionalizado*. Nos registros escritos desse eixo, observa-se um encontro do oral/falado e do letrado/escrito que “tem, pois, como pano de fundo, a visão do letrado/escrito

4 As legendas das figuras são notações adotadas pelo banco de dados de onde foram retirados os textos do *corpus*; na sequência adotada – 5X_YY_Z –, X indica turma, Y, o número do estudante e Z, o número da proposta. Assim, a Figura 1.1 se refere a um trecho escrito durante a proposta 3, pelo estudante 29 da quinta série, turma C.

5 Cf. Carmo (2009).

como um modo autônomo de expressão, em cujo processamento – identificado, no caso estudado, à escrita culta formal – o escrevente se espelha” (ibidem, p.166).

Para a pesquisa que empreendemos, o modo autônomo de expressão aparece identificado, também, à escrita culta formal, particularmente em seu aspecto ortográfico. O escrevente, ao tomar a escrita como código institucionalizado, “reproduz a dinâmica social de institucionalização de valores para as diversas formas linguísticas” (ibidem, p.165). Algumas escolhas de grafemas em contexto de vogal pretônica indiciam certa assimetria de valores entre os diferentes grafemas, cuja valorização se daria por um distanciamento, “como um modo autônomo de expressão” (ibidem, p.165), do escrito em relação ao falado. Nessa representação, a escrita, como a ortografia, aparece como capaz de “representar inteiramente o oral/falado a ponto de não mais ser justificável reconhecê-lo no novo produto” (ibidem, p.166).

É verdade que, para o estabelecimento da ortografia, tiveram de ser adotados certos critérios e foram selecionados aspectos da oralidade (cf. seção “A heterogeneidade da ortografia”). No entanto, é preciso considerar duas mediações em um primeiro momento de criação de uma escrita para uma língua ágrafa: a) a mediação produzida pela consideração da dimensão fônica, que, como outras dimensões da língua, é passível de variação; e b) a mediação que, buscando suprir as deficiências da primeira, é produzida pelo estabelecimento da convenção ortográfica – que seleciona uma das variedades da língua e acrescenta ainda outros critérios. Essas duas primeiras mediações no estabelecimento da escrita de uma língua atuam, também, no desenvolvimento gradativo da escrita pelos escreventes.

Uma das tendências do segundo eixo de representação da escrita baseia-se no entendimento, pelos escreventes, de que as convenções ortográficas, apesar de se pautarem também pelo critério da fala, não dependem sempre dele. Esse fato e a crença – firmada na escola – de que tal relação levaria à “interferência da fala” na escrita são dois fatores que conduziriam os escreventes a distanciarem a (sua) escrita da sua fala. Para o caso específico do *corpus* desta investigação – textos escritos, produzidos em contexto escolar com a finalidade de compor banco de dados de pesquisas da Universidade Estadual Paulista (Unesp), *campus* de São José do Rio Preto –, a escola de ensino fundamental e a Unesp são os lugares institucionais para onde os escreventes dos textos analisados tentariam alçar, em um movimento de distanciamento da sua fala, em direção a uma escrita pura.

Para exemplificar a emergência deste tipo de representação da escrita nos dados analisados, apresentamos um trecho de outro texto (Figura 1.2).

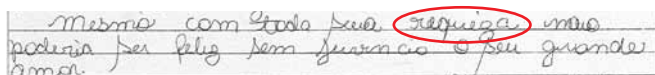


Figura 1.2 Fonte 5B_01_01. Arquivo pessoal

Ao contrário do mostrado na análise da Figura 1.1, na Figura 1.2, a escolha não convencional do grafema <e> em “requieza” indicia busca por apagamento do fonético no gráfico, pela representação que se faz do *código escrito institucionalizado* como uma escrita pura em relação à fala. O distanciamento entre grafemas e fonemas, reconhecido e almejado pelos escreventes, dá indícios de uma representação da escrita como capaz de representar “inteiramente o oral/falado a ponto de não mais ser justificável reconhecê-lo nesse novo produto” (Corrêa, 2004, p.166).

O terceiro eixo de circulação do imaginário sobre a escrita é o da dialogia com o já falado/escrito. Por meio dessa representação, “o escrevente põe-se em contato não só com tudo quanto teve de experiência oral, como também com a produção escrita em geral” (idem, *ibidem*, p.11). Na análise desse eixo, o autor focou o olhar nos trechos em que o escrevente faz remissões a espaços do oral/falado e do letrado/escrito, em que é possível evidenciar a necessária relação dialógica que a (sua) escrita mantém com outros discursos. Embora os outros dois eixos evidenciem esse caráter dialógico, não só da escrita, mas da linguagem em geral, a observação desse eixo em particular permitiu ao autor explicitar o “tipo de circulação dialógica que permite ao escrevente marcar *zonas de contato* com o que representa como sua exterioridade” (p.237, grifos do autor). Embora não se descarte sua importância para a consideração da heterogeneidade da escrita na análise aqui empreendida, o terceiro eixo não será considerado, por extrapolar a relação que se pretende observar entre práticas orais/faladas e letradas/escritas, notada na escolha do grafema de vogal pretônica. Assim, as referências que o escrevente faz a experiências de (suas) práticas de oralidade e de letramento serão analisadas com base nos outros dois eixos.

Embora reconheçamos que a circulação do escrevente por eixos de representação da escrita pode ser identificada em várias dimensões da linguagem, para a análise da grafia das vogais pretônicas examinaremos o registro desses eixos, partindo de três vieses: a) a escolha do grafema; b) a escolha lexical; c) a proposta de escrita em que aparece a ocorrência. Os vieses (a) e (b) possibilitam traçar relação entre as escolhas do escrevente, as convenções ortográficas e os dados de fala, e o viés (c), relação entre a proposta de produção textual e o escrito pelo escrevente.

O olhar para os dados de grafias não convencionais de vogais pretônicas é direcionado pela concepção de escrita que acabamos de explicitar, enquanto a seleção dos dados partirá de certas características fonológicas das vogais médias pretônicas, em particular das relativas à variedade do português falada pelos sujeitos escreventes dos textos desta pesquisa. Na análise das grafias não convencionais, a fonologia terá papel instrumental no tratamento dos dados, possibilitando a descrição das regularidades linguísticas, por um lado, e a identificação de indícios da relação entre sujeito e linguagem, por outro.

A heterogeneidade da ortografia

Como se sabe, a ortografia da língua portuguesa é estabelecida em forma de lei. E, por isso, escrever ortograficamente significa seguir leis de amplitude nacional (ou até internacional, no caso do acordo entre os países lusófonos).⁶ Ao ensinar ortografia, a escola – além de contribuir para a formação de leitores e escritores proficientes – desempenharia um papel na formação cidadã dos estudantes, quanto ao cumprimento com a lei de seu país. Ao lado das convenções ortográficas, as gramaticais – concordâncias e regências verbais e nominais, por exemplo –, as convenções

6 Desde 1943, Brasil e Portugal intencionavam o estabelecimento de uma ortografia comum, a ser utilizada nas publicações e no ensino em ambos os países. No entanto, somente em 1990 a Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras chegaram a um consenso ortográfico, que contou com a adesão de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor Leste (após a independência, em 2004). No Brasil, o acordo vigora desde o início de 2009 e, em Portugal, desde 13 de maio do mesmo ano. Nos demais países lusófonos, ainda se espera a aplicação.

para as escolhas lexicais – restrição de uso de certas palavras em certos (con)textos – e aquelas para o uso da pontuação são regulamentadas pelas gramáticas normativas, constituindo, assim, aspectos de uma escrita institucionalizada, estabelecida segundo uma planificação, a fim de unificar a escrita de um grupo social. Corrêa (2004), a respeito da escrita institucionalizada, aponta que a concepção de escrita como planificação “implica, de fato, censura ao que supostamente deve ser excluído na regulamentação da atividade linguística” (idem, *ibidem*, p.182).

Para o estabelecimento da ortografia como lei, vários critérios foram utilizados. Segundo Massini-Cagliari e Cagliari (1999), a ortografia como a conhecemos nasceu de uma espécie de escrita fonética, que “consiste em representar os sons da fala exatamente como eles foram pronunciados” (p.29). Como primeiros critérios da escrita, portanto, tomaram-se algumas das características segmentais da fala.⁷ É sabido que essas características não são homogêneas na língua. Pode haver variação na realização de um mesmo segmento entre diferentes variedades linguísticas, entre falantes de uma mesma variedade ou, até mesmo, entre diferentes situações de uso da língua vividas por um mesmo falante. Essas variações levariam a uma grande possibilidade de registros gráficos, se o critério fonético fosse o único a ser considerado. Por esse motivo, tornou-se necessária a criação da ortografia, ou seja, uma forma regulamentar única de grafar as palavras de uma língua

7 Dentre as características fonéticas e fonológicas da fala, são representadas, na escrita, algumas segmentais e não segmentais. As segmentais, pelas letras do alfabeto, estabelecendo relação entre os grafemas da escrita e os fonemas da fala. As não segmentais, por alguns acentos – estabelecendo relação com a tonicidade da palavra – e alguns sinais de pontuação que estabelecem relação com a prosódia da língua (a esse respeito, cf. Tenani; Soncin, 2009).

(Massini-Cagliari; Cagliari, 1999, p.29-30). Para a determinação dessa forma única, o critério fonético se manteve, no entanto, baseado na seleção de uma das variedades da língua (a de mais prestígio social). A ortografia, portanto, ao apagar e homogeneizar as diferenças existentes entre variedades linguísticas (pela seleção de características fonéticas de apenas uma delas), acaba por servir como forma de contenção da variação.⁸ Do modo como é concebida, apesar de a ortografia ter nascido do registro de sons da língua, realizados na fala, a soma de outros critérios no decorrer de sua história acaba por desfazer sua relação direta com a fala, ainda que se considerasse a variedade de prestígio na qual foi baseada. Massini-Cagliari e Cagliari (1999, p.123) comentam que a escolha da ortografia de uma palavra é “*arbitrária* – isto quer dizer que tal forma pode representar a pronúncia de parte da população (como no caso da palavra ‘*viver*’) ou de ninguém (como no caso da palavra ‘*muito*’)” (grifos dos autores).

Ainda com relação ao estabelecimento dos critérios da ortografia, de acordo com Scliar-Cabral (2003),

uma ou mais letras (os grafemas) *representam fonemas e alguns de seus alofones* (variantes de um mesmo fonema), que resultam nas unidades que distinguem o significado na escrita (a segunda articulação). Deve-se notar, contudo, *que outro princípio diferente também ocorre: o etimológico.* (p.38, grifos nossos)

8 A afirmação de que a ortografia serviria para conter a variação advém do fato de que “existe, em nossa sociedade, a crença de que a ortografia das palavras refletiria a pronúncia ‘correta’ delas” (Massini-Cagliari e Cagliari, 1999, p.31), de modo que, com o acesso à escolarização, o conhecimento da convenção ortográfica levaria a uma “correção” da própria fala.

Esse distanciamento da escrita em relação às características fonéticas dos segmentos da língua abriu espaço para critérios de natureza fonológica, estabelecendo relação entre os fonemas – que distinguem significado na língua – e os grafemas – que distinguem significado na escrita. Ou seja, na relação grafema-fonema, não é possível haver biunivocidade entre letras e sons, visto que pode haver variação na realização fonética de determinados fonemas – como é o caso do grafema <d>, que teria relação com o fonema /d/, mas que, em certas variedades do português, pode realizar-se como [dʒ] diante de [i]. Além disso, com vistas a manter registradas certas características da história da língua, consideraram-se, também, critérios etimológicos, que acabam por garantir a identificação, por meio da escrita, de palavras distintas, como é o caso, por exemplo, de “descrição” e “discrição”;⁹ as vogais pretônicas têm a mesma realização fonética em vários dialetos da língua portuguesa, mas as palavras se distinguem entre si quanto ao significado, identificado, na escrita, pela grafia (determinada por critérios etimológicos) de <e> ou <i>.

Considerando esses diferentes critérios somados na ortografia no decorrer de sua história e partindo da concepção da *heterogeneidade da escrita*, assumimos, com Corrêa (2004, p.XXIV), uma “heterogeneidade que, sendo constitutiva da própria língua, afeta também a noção de norma e, em particular, de norma escrita culta”. Considera-se, neste trabalho, com base nas características levantadas, a heterogeneidade da ortografia, desde a sua constituição. Como forma de depreender tal heterogeneidade da própria convenção, evidenciamos como os critérios observados na criação de uma ortografia para a língua portuguesa podem

9 De acordo com o dicionário Houaiss (2009), “descrição” deriva do latim “*descriptio, ónis*” e “discrição”, de “*discretio, ónis*”.

ser tomados como registros dos eixos da representação social da escrita. No caso dos critérios fonético e fonológico, que preveem alguma relação mais direta com a fala, identificamos registros da *gênese da escrita*: “ao projetar um material significativo (o fônico) no outro (o gráfico)”, a ortografia “tende a identificar as duas modalidades” (idem, *ibidem*, p.83). No caso do critério etimológico, por se tratar de uma escolha (institucionalizada) que registra certas características da história da língua e não outras, identificamos uma representação do *código escrito institucionalizado*, que “reproduz a dinâmica social de institucionalização de valores para as diversas formas linguísticas” (*ibidem*, p.165). Essas constatações mostram que as *representações da escrita* – como a *gênese da escrita* ou como um *código escrito institucionalizado* – podem ser observadas desde a seleção dos critérios por quem estabeleceu a ortografia.¹⁰

Vários critérios de diferentes naturezas compõem a ortografia, ainda que os fonéticos e os fonológicos pareçam ser os mais proeminentes. Essa heterogeneidade constitutiva da convenção ortográfica torna as relações entre letras e sons não biunívocas, tanto na escrita das consoantes, quanto na das vogais. Tal não biunivocidade se dá à medida que a ortografia estabelece relação dos grafemas com os fonemas, conforme comenta Scliar-Cabral (2003, p.38) e, na língua, alguns fonemas podem ter mais de uma realização possível, a depender, por exemplo, do contexto

10 Corrêa (2004), ao explorar a representação da escrita dos escreventes, no caso, os vestibulandos, faz a seguinte afirmação: “ao valorizar a representação que o escrevente faz da (sua) escrita, do interlocutor e de si mesmo, pretendo chegar a uma especificidade da experiência linguística que não traduz apenas a imagem que ele, individualmente, faz da escrita, *mas uma representação adquirida do grupo de que faz parte, da escola que frequenta, do vestibular que presta...*” (p.XXIV, grifos nossos).

fonológico e da variedade. No que toca à grafia das vogais, a não biunivocidade pode ser ilustrada na Figura 1.3.

Letra	Som	Exemplos
<e>	[e]	“desenho”
<i>	[i]	“engenheiro” “ficar”
<o>	[o]	“mostrar”
<u>	[u]	“coelho” “lugar”

Figura 1.3 Relação não biunívoca entre letras e sons.

Os grafemas <i> e <u> manteriam relação com os fonemas /i/ e /u/, bem como os grafemas <e> e <o>, com os fonemas /e/ e /o/. A variação linguística desfaz, no entanto, a relação direta entre letra e som, já que a ortografia estabelece uma única forma de grafar as palavras da língua, enquanto, na fala, esses fonemas podem ter diferentes possibilidades de realização fonética, como é o caso das vogais médias na posição pretônica. Por exemplo, na fala do interior paulista, região de São José do Rio Preto, à qual pertencem os sujeitos desta pesquisa, em alguns contextos de sílaba pretônica, há variação entre [e ~ i] – como em “m[e]dida” ~ “m[i]dida” – ou entre [o ~ u] – como em “c[o]mendo” ~ “c[u]mendo”. As pesquisas já realizadas para essa variedade de fala (Carmo, 2009; Silveira, 2008) identificaram que as realizações variáveis de [e ~ i], para /e/, e de [o ~ u], para /o/, são decorrentes do fenômeno

de *alçamento*. Por meio desse fenômeno, as vogais médias /e, o/ se realizam como [i, u].¹¹ Há contextos de sílaba pretônica, porém, em que não ocorre variação de aplicação do alçamento e, embora fonologicamente sejam previstas as vogais médias /e/ e /o/, a realização fonética é em geral [i] e [u] – como em “[i]ngenheiro” e “c[u]elho”. Além desses contextos passíveis de sofrer alçamento, interessam a este trabalho palavras que têm sílabas pretônicas com as vogais altas /i, u/, cujas realizações são, respectivamente, [i] e [u] – como em “f[i]car” e “l[u]gar”, em contextos semelhantes àqueles em que pode ocorrer o alçamento. Na escrita, essas vogais pretônicas poderão ser grafadas com <e, i, o, u>, a depender da convenção ortográfica da palavra. Assim, por um lado, o fone [i] poderá ser grafado tanto com <e> (“engenheiro”) quanto com <i> (“ficar”); do mesmo modo, o fone [u] poderá ser grafado tanto com <o> (“coelho”) quanto com <u> (“lugar”). Por outro lado, na escrita, o grafema <e> poderá representar tanto o fone [e] (“desenho”) quanto o fone [i] (“engenheiro”); do mesmo modo, o grafema <o> poderá representar tanto o fone [o] (“mostrar”) quanto o fone [u] (“coelho”).¹²

Tal correspondência não biunívoca entre letras e sons na ortografia das vogais, somada à constituição heterogênea da ortografia, leva os escreventes a dúvidas quanto à grafia de palavras que envolvem escolhas entre os grafemas <e, i> e

11 As realizações fonéticas que, por hipótese, seriam das vogais médias-altas /e, o/ variam de acordo com a variedade de fala considerada. Quando ocorrem as vogais altas [i, u], caracteriza-se o fenômeno de *alçamento*, verificado em quase todas as regiões brasileiras (Viegas, 1987; Silva, 1991; Bisol, 1981; Schwindt, 2001); quando ocorrerem as vogais médias-baixas [e, o], caracteriza-se o fenômeno de *abaixamento*, verificado principalmente no Norte e no Nordeste (Celia, 2004).

12 Baseamo-nos, para a escolha dos exemplos, em resultados apresentados por Silveira (2008) e Carmo (2009).

<o, u>. Muitas dessas escolhas acabam por conduzir aos chamados *erros ortográficos*, que são tradicionalmente reduzidos a enganos ou falta de domínio das regras por parte do escrevente. Em oposição a tal postura, como anunciado nas considerações iniciais, as grafias que fogem da convenção ortográfica serão tratadas como “preciosos indícios de um processo em curso de aquisição da representação escrita da linguagem” (Abaurre; Fiad; Mayrink-Sabinson, 1997, p.16). Desse ponto de vista, tais grafias não convencionais terão especial destaque neste trabalho, por serem entendidas como lugares privilegiados de observação da relação do sujeito com a linguagem, com base no encontro que estabelece entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito.

Em resumo, neste capítulo, foi apresentada a concepção de escrita que fundamenta as escolhas metodológicas e a análise dos dados, a saber: a *heterogeneidade da escrita*, evidenciada pelos registros dos três eixos de representação da escrita. Em seguida, discutiu-se a constituição da ortografia, dados os pressupostos assumidos. Das discussões sobre a heterogeneidade da ortografia, convém reter que: a) a convenção ortográfica é heterogênea quanto aos critérios em que se baseia, de natureza fonética, fonológica e etimológica; b) ao estabelecer esses critérios, a relação letra-som torna-se não biunívoca, o que pode levar os escreventes a grafias não convencionais de vogais pretônicas.

2

ESCOLHAS E PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Trataremos, neste capítulo, das escolhas teórico-metodológicas quanto às características do banco de dados (seção “Escrita no ensino fundamental: a constituição de um banco de dados”), aos critérios de seleção do *corpus* (seção “Constituição do *corpus*”) e à delimitação dos dados (seção “As propostas de produção textual”). Apresentam-se, também, os procedimentos quantitativos e qualitativos que viabilizam a análise dos dados (seção “Critérios de seleção dos dados”) e os fundamentos teórico-metodológicos que sustentam as escolhas assumidas neste trabalho (seção “Procedimentos teórico-metodológicos”).

Escrita no ensino fundamental: a constituição de um banco de dados

O conjunto do material é parte de um banco de dados de textos escritos por estudantes do ensino fundamental, constituído no âmbito do projeto de extensão universitária-

ria “Desenvolvimento de Oficinas Pedagógicas de Leitura, Interpretação e Produção Textual”, coordenado pelas profas. dras. Luciani Ester Tenani e Sanderléia Longhini-Thomazi, com financiamento da Proex-Unesp. Tal projeto de extensão conta com a participação de estudantes do curso de Letras e do programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, ambos da Unesp, *campus* de São José do Rio Preto, que elaboram e desenvolvem atividades previstas pelo projeto em uma escola estadual naquela cidade. O projeto (desenvolvido de 2008 a 2011) atendeu, na época da coleta dos textos que selecionamos para esta pesquisa, a estudantes de quinta a oitava séries do ensino fundamental (de oito anos).

O projeto de extensão se caracteriza por dois tipos de atividades. Uma consiste no oferecimento de minicursos, de participação não obrigatória dos estudantes, em que se discutem temas ligados ao ensino de língua portuguesa – como as características das convenções ortográficas e dos usos da pontuação, por exemplo. A outra consiste na realização de oficinas de produção escrita, em aulas de língua portuguesa, durante as quais são coletados os textos produzidos pelos estudantes. De modo geral, o tempo disponibilizado pela escola para a realização dessas oficinas é de, no máximo, uma aula de cinquenta minutos por mês. Foi, pois, neste curto tempo que os estudantes escreventes dos textos analisados conheceram a proposta, discutiram-na e redigiram seus textos.

Com base nos textos escritos durante as seis oficinas coordenadas pelos estudantes de Letras de abril a novembro de 2008, foi montado um banco de dados transversal, com 2.756 textos de estudantes das quatro séries do ensino fundamental oferecidas pela escola. Além desse banco transversal, está em constituição um longitudinal das quatro últimas séries do ensino fundamental. Em 2008, foram

coletados os textos de todos os estudantes então matriculados na quinta série; em 2009, dos matriculados na sexta; em 2010, dos matriculados na sétima; e, em 2011, estão sendo coletados os dos estudantes matriculados na oitava série. Desse modo, ao final do projeto, será possível identificar um conjunto de textos produzidos pelos mesmos estudantes nos quatro anos cursados naquela escola pública. Este trabalho versa sobre os textos produzidos em 2008 pelos estudantes que cursavam a quinta série.

No evento discursivo em que foram produzidos os textos, não esteve encoberta a função que permeava a elaboração das propostas e que, portanto, atravessa, também, as produções textuais. Lembramos que os textos foram produzidos com a finalidade de constituir um banco de dados (fato que não era ignorado pelos escreventes) e, portanto, as propostas elaboradas tinham como horizonte a coleta de um grande contingente de material escrito para análises posteriores. Por tal motivo, conforme se apresenta na subseção “As propostas de produção textual”, as propostas de produção textual visavam ao estímulo à produção escrita dos escreventes, a partir da seleção de temáticas interessantes aos adolescentes.

Outra característica dos textos pertencentes ao banco de dados se refere ao destinatário dos escreventes, posição que, nesse caso, pode ser ocupada não apenas pela escola, representada pelo professor de português, mas também pela Unesp, representada por seus pesquisadores ou pelo estudante de Letras que coordenava as oficinas. No entanto, algumas das propostas determinavam um destinatário – a carta, por exemplo, a ser escrita a um parente –, embora os leitores reais dos textos, fato conhecido pelos escreventes, fossem os pesquisadores da Unesp. Não negamos que, neste caso, a imagem do familiar como destinatário fictício do texto possa conduzir o escrevente a determinadas escolhas,

mas enfatizamos o fato de estarem, irremediavelmente, mediadas pelos reais interlocutores.

Nesse sentido, entendemos que as características pre-determinadas dos textos – como a extensão, com número mínimo e máximo de linhas, a ser redigidos em espaço específico da folha, bem como por outras características formais, como um título, na maioria das propostas, e o cabeçalho, como na proposta da carta, e o fato de haver, nos textos, um diálogo estabelecido com a instituição coletora de seus textos, a Unesp, e a instituição que media essa relação, a escola – são específicas dos textos do *corpus* e, portanto, não devem ser negligenciadas na análise.

Constituição do *corpus*

Expostas as características do banco de dados, passamos à descrição dos critérios de seleção dos textos que compõem o *corpus*.

Conforme mencionado, foram selecionados, para análise, os textos escritos pelos estudantes que cursavam a quinta série em 2008. A escolha foi motivada por dois fatores principais. O primeiro surgiu das características do banco de dados escolhido, que é constituído por uma amostra transversal – textos de estudantes de quinta a oitava série, coletados em 2008 – e por outra, longitudinal – textos dos mesmos estudantes da quinta à oitava série, a ser concluída em 2011. Assim, os textos do *corpus* compõem as duas amostras do banco de dados, de modo que os resultados desta pesquisa poderão contribuir com estudos, quer de interesse transversal, quer de interesse longitudinal. O segundo fator que motivou tal escolha foi a consideração de que, por estarem na quinta série, esses estudantes, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)

para o ensino de língua portuguesa, deveriam, ao concluir a quarta série, “escrever textos com domínio da separação em palavras, *estabilidade de palavras de ortografia regular e de irregulares mais frequentes na escrita* e utilização de recursos do sistema de pontuação para dividir o texto em frases” (PCN, 1997, p.80, grifo nosso). A escolha por dados de quinta série partiu, pois, da leitura dos textos desses escreventes, nos quais há palavras com as características descritas, mas em desacordo com a ortografia. Assim, esta pesquisa contribui, também, na investigação de quais hipóteses motivadoras das grafias não convencionais se sobrepõem às metodologias de ensino utilizadas na escola, cujo objetivo é atingir àquelas expectativas dos PCNs.

Com base no contingente de textos redigidos pelos estudantes referidos, selecionamos para compor o *corpus* apenas as produções de quem tivesse participado de ao menos cinco das seis oficinas de produção textual realizadas em 2008, como forma de garantir que os escreventes selecionados fossem frequentadores assíduos das aulas de língua portuguesa. O *corpus* desta pesquisa conta, portanto, com 682 textos, totalizando, cerca de 76% dos 898 do banco de dados, escritos por estudantes da quinta série.

As propostas de produção textual

Conforme pontuamos, os textos analisados resultaram de seis propostas de produção textual,¹³ apresentadas e discutidas com os estudantes, que, em seguida, produziram o *corpus* deste trabalho. Dos vários elementos que compõem as seis propostas, importam, em especial, aqueles a que chamamos *temática*, *exórdio* e *proposição*. A temática teria como

13 Em anexo, na íntegra.

objetivo envolver o interlocutor e estimulá-lo à produção escrita e parece, pois, estar determinada por uma imagem do interlocutor adolescente. O exórdio teria como objetivo chamar a atenção do interlocutor e conduzi-lo a realizar o proposto. A proposição, por fim, teria papel central na proposta, pois guiaria a produção escrita dos escreventes, determinando algumas de suas escolhas. Segue, portanto, um quadro sinóptico das características desses três elementos, em cada uma das seis propostas:

Quadro 2.1 Temática, exórdio e proposição das seis propostas

Proposta	Temática	Exórdio	Proposição
1	Relacionamento amoroso, de uma perspectiva humorística.	Tirinha narrando a história de um casal perseguido durante uma fuga.	Escreva um texto que dê continuidade à história, contando o que aconteceu com cada uma das personagens após a cena do último quadrinho.
2	Autobiografia.	Trecho de um cordel que narra a história de um capoeirista.	Escreva também um cordel que conte um pouco de sua história.
3	Pedidos individuais a um poço dos desejos.	Tirinha em que há um poço dos desejos.	Produza um texto contando os seus maiores sonhos: quais objetos gostaria de comprar, que lugares gostaria de conhecer, que profissão pretende exercer etc.

Proposta	Temática	Exórdio	Proposição
4	Utilização do MSN como meio de comunicação.	Tirinha que mostra a diferença entre as atividades de uma criança do campo e outra da cidade.	Escreva uma carta a seu primo da cidade, pedindo para ele contar o que é a internet e como se faz para mandar mensagem por meio do MSN.
5	Olhar de um terrestre para outro planeta.	Descrição do planeta Terra, por um extraterrestre.	Escreva uma narrativa, em que você seja o personagem principal, contando como era o planeta e seus habitantes.
6	Viagem para a Disneylândia.	Fotografia da Disneylândia.	Conte como espera que sejam esses oito dias da viagem.

Nota-se, portanto, que, quanto à temática, todas parecem tratar de assuntos que seriam interessantes aos adolescentes, circundando espaços como os do amor, dos sonhos e das fantasias. Quanto ao exórdio, há uma predominância pela conjugação de enunciados verbais e visuais, embora nas propostas 2 e 5 o exórdio seja formado somente por enunciados verbais. Já a proposição aparece bem diversificada, conforme se nota no Quadro 2.1, de modo que é possível observar certa semelhança entre as propostas 1, 5 e 6 – todas referentes à produção de textos narrativos –, as propostas 2 e 4 – embora a proposta 2 também se trate de um texto narrativo, nas duas apresenta-se um formato, baseado, respectivamente, nos gêneros cordel e carta pessoal – e, em menor semelhança com as demais, a proposta 3 – cuja proposição não deixa claro o formato do texto, le-

vando à escrita de uma espécie de lista de pedidos. São, portanto, essas características das propostas de produção textual apresentadas aos escreventes dos textos analisados que consideraremos na análise apresentada no Capítulo 4.

Critérios de seleção dos dados

Como o objetivo desta pesquisa é analisar grafias de <e, i, o, u> em posição pretônica, apresentam-se, nesta seção, os critérios que conduzem a seleção dos dados. Lembramos que, quanto às grafias não convencionais, são consideradas apenas as decorrentes da troca de <e> e <o>, respectivamente, por <i> e <u> como em “filizes” (“felizes”) e “descubriu” (“descobriu”) e, de maneira semelhante, de <i> e <u> por <e> e <o>, como em “enfancia” (“infância”) e “logar” (“lugar”). Desse modo, não são consideradas as ocorrências “preucurou” (“procurou”), “inagualável” (“inigualável”), “paracendo” (“parecendo”) e “pudir” (“pedir”), em que a grafia não convencional dar-se-ria pela substituição por outras vogais ou por ditongo, que não teriam relação com a variação na realização das vogais médias na fala, que é o foco deste trabalho.

Quanto à seleção dos dados, compreendidos pelas grafias convencionais e não convencionais, dentre os termos que continham os grafemas <e, i, o, u>, são excluídos da análise:

- a) nomes próprios que, por não serem determinados por uma ortografia, não permitem observar a relação entre as grafias dos escreventes e a convenção ortográfica institucionalizada;
- b) nomes de países que, por respeitarem ortografias de línguas estrangeiras, extrapolam os objetivos desta pesquisa, restrita à ortografia da língua portuguesa;

- c) palavras de classes gramaticais como conjunções, preposições entre outras que, por se comportarem de modo diferenciado quanto às características fonológicas, dificultam a análise do comportamento da vogais pretônicas, como se faz com nomes e verbos;
- d) palavras não dicionarizadas ou em uso não institucionalizado, como “tremilhonário” e “zuar”, por impossibilitarem uma relação semelhante à que se estabeleceria com os demais vocábulos considerados;
- e) palavras que, por causa de rasuras ou dificuldades de interpretação do manuscrito, não favoreciam a identificação da vogal como <e> ou <i>, por exemplo, por não possibilitarem identificar a escolha feita pelo escrevente;
- f) palavras cujas grafias não convencionais requeriam a análise de questões que fogem aos objetivos desta pesquisa, como “mode” (moeda), “derrepente” e “com binação”, que inviabilizam uma análise semelhante à das demais palavras, por envolverem a grafia de ditongo e a segmentação de palavras.

As palavras desses tipos são excluídas do levantamento quantitativo por possuírem, em comum, características que inviabilizam a comparação com os demais dados. Além desses vocábulos, alguns contextos linguísticos foram excluídos da análise, por também apresentarem traços que os particularizam em relação aos demais contextos considerados, impossibilitando, assim, a comparação. Para a delimitação de tais contextos, baseamos-nos na descrição do fenômeno de *alçamento*, na variedade de São José do Rio Preto, conforme Silveira (2008), para os nomes, e Carmo (2009), para os verbos.

Como comentado, o foco desta pesquisa é a relação entre as possibilidades de realização fonética das vogais pretônicas como [e, i] e [o, u] e as de registro gráfico dessas vogais como <e, i> e <o, u>, considerando-se a convenção ortográfica. Em outras palavras, observam-se: a) as grafias de palavras com ortografia em <e, o> quando há possibilidade de a realização fonética não coincidir com a convenção ortográfica, como em “pedido”, que, por causa do *alçamento* da vogal /e/, realiza-se como “p[i]dido”; b) as grafias de palavras com ortografia em <i, u> cuja realização fonética coincide com a ortografia, como “infância” e “fugir”, mas que, apesar da coincidência, podem gerar dúvidas nos escreventes, pela semelhança com contextos em que há variação, evidenciadas pelas chamadas *hiper-correções*, como em “enfância” e “fogir”. Em concordância com esses objetivos, são excluídos os contextos em que, na fala, não se espera a ocorrência do fenômeno *alçamento* e, assim, há pouca possibilidade de não coincidirem a letra e o som, como em:

- i) vogal inicial <e, i, o, u>, como em “irmão” e “orelha” (exceto quando <e, i> é seguido de <s, x, n, m> na mesma sílaba, como será explicitado a seguir);
- ii) certos prefixos, que podem apresentar uma fronteira de palavra em relação ao vocábulo a que está afixado, impossibilitando a harmonização vocálica¹⁴ e, portanto, diminuindo a possibilidade de variação, como em “previsão” (exceto o prefixo “des-”, como será explicitado a seguir);
- iii) vogais pretônicas em ditongos que, por estarem seguidas de semivogal, apresentam um comportamento fonológico particular, que impossibilita

14 A esse respeito, cf. Collischonn (1999).

a ocorrência de alçamento,¹⁵ como <e> em “preocupado”.

Cabe esclarecer a aparente contradição que pode sugerir a exclusão dos dados que apresentam os contextos fonológicos ora descritos por não se esperar variação fonética na realização das vogais /e, o/ pretônicas – como em “hospital” e “emergência” – e a inclusão de dados cujos contextos fonológicos também não têm variação na realização das vogais /i, u/ pretônicas – como em “infância” e “discussão”. Tais exclusões e inclusões se justificam pelo objeto desta pesquisa, que é a grafia não convencional das vogais pretônicas pela troca não convencional de <e, o> por, respectivamente, <i, u> – por exemplo, em “pidido” e “bunitinho” – ou de <i, u> por, respectivamente, <e, o> – como em “infância” e “fogir”. Nos contextos de /e, o/ em que não é possível a realização de [i] e [u] e a ortografia é <e> e <o>, não são esperadas grafias não convencionais pela escolha por <i> ou <u>, que se justifiquem por uma relação entre fala e escrita. No entanto, para os contextos de /i, u/ que também não têm realização variável, nos quais a ortografia prevê <i> e <u>, são esperadas e ocorrem com frequência grafias de <e> e <o>, por causa da semelhança entre esses contextos e aqueles em que há variação na realização de /e, o/. Por esse motivo, excluímos os contextos em que /e, o/ não terão realizações variáveis em [e ~ i] e [o ~ u] e incluímos os contextos de /i, u/ que, apesar de não terem realizações fonéticas variáveis, apresentam grafias flutuantes na escrita.

Ressalta-se, também, o fato de que se trata sempre de “contextos” – e não de “palavras” – em que se espera ou não o fenômeno de *alçamento*. Algumas palavras em que há

15 Um breve comentário pode ser encontrado em Carmo (2009).

contexto propício ao fenômeno podem não sofrê-lo; outras, nas quais se espera variação em sua aplicação, sofrem-no categoricamente. Consideramos pertencentes ao contexto *alçamento variável* o verbo “atendia” – que não teve alçamento nos dados analisados por Carmo (2009) – e o nome “preguiçosa” – que teve alçamento categórico em Silveira (2008) –, pelas vogais pretônicas em *contextos* passíveis de realização de alçamento.

Outro destaque refere-se à denominação dos contextos de <i, u> também como de *alçamento*, mesmo em contextos de vogais altas /i, u/. O alçamento de que tratamos diz respeito à elevação das vogais médias /e, o/, que passam a se realizar de modo semelhante às altas /i, u/. Neste caso, quando a ortografia é <i, u> em posição pretônica, não há contexto de alçamento, pois as vogais a que se referem são as altas /i, u/. No entanto, de modo diferente da fala, palavras em que há vogais pretônicas médias e altas podem apresentar na escrita comportamento semelhante (Capítulo 3). Por esse motivo, baseamo-nos em *contextos em que há o alçamento*, como “enfermeira” – vogal <e> seguida de consoante <n> –, mas consideramos *contextos semelhantes em que há vogal alta*, como “infância”. Deste modo, embora a grafia de <e>, em “ênfância”, não mantenha relação direta com o alçamento da vogal pretônica na fala – o que poderia se considerar em “infermeira” –, tratamos ambos os casos como contextos de *alçamento*, por considerar que ambas as trocas de grafemas podem manter relação com este fenômeno da fala.

Além das exclusões e das escolhas feitas neste trabalho para o estabelecimento de relação coerente entre os dados de fala e os de escrita, foi necessária uma classificação em dois grupos, com base nas características apontadas pelos estudos que tratam de vogais pretônicas na fala. Chamamos esses grupos de (1) *contextos de alçamento praticamente*

categórico e (2) *contextos de alçamento variável*, lembrando que, em todos os contextos, há as possibilidades de ortografia com <e, i> e <o, u>. De modo geral, os trabalhos de cunho fonético-fonológico ou variacionista sobre as vogais pretônicas consideram que, quando há variação entre [e ~ i] ou entre [o ~ u], trata-se de diferentes realizações fonéticas para as vogais, respectivamente, /e/ ou /o/. Para esses trabalhos, a realização de /e/ como [i] e de /o/ como [u] é decorrente do fenômeno de *alçamento*. Os trabalhos realizados sobre esse fenômeno, em especial Silveira (2008) sobre os nomes e Carmo (2009) sobre os verbos na variedade rio-pretense focalizaram essa variação e excluíram de suas análises os contextos¹⁶ em que essas vogais sofrem aplicação de *alçamento* praticamente categórica, como em:

- a) vogal /e/ seguida de /n/ ou /s/ – contextos analisados, inicialmente, por Naro (1973), para a variedade carioca, e também por Borduqui (2011), para a variedade rio-pretense, são altamente favorecedores do alçamento;
- b) vogal /e/ ou /o/ em contexto de hiato – foi observado o alçamento nesses contextos desde o século XVI, por Fernão de Oliveira (1536 apud Bisol, 1981);
- c) prefixo “des-” (ou palavras com a mesma estrutura) – estrutura estudada, por exemplo, por Schwindt (2001), para a variedade gaúcha, e Marcato (2010), para a variedade rio-pretense, e que apresenta comportamento particular em função da informação morfológica que carrega.

16 Não tratamos aqui da caracterização de cada contexto excluído, sob pena de desvio do foco da pesquisa, e remetemos o leitor aos trabalhos referenciados.

Tais contextos não serão excluídos neste trabalho, pois apresentam comportamento particular em relação aos demais estudados e propiciam a análise da relação que os escreventes estabelecem entre fala e escrita.

As considerações sobre o alçamento das vogais pretônicas justificam, portanto, a divisão das palavras extraídas do *corpus* da pesquisa em dois grupos. Dos contextos selecionados para análise, fazem parte do grupo (1) *contextos de alçamento praticamente categórico*, apenas os seguintes: (a) <e, i> seguidos de <n, m, s, x>, como em “inteiro”, “empolgada”, “estrada”, “exposição”; (b) <e, i> nas sílabas pretônicas “des” ou “dis”, como em “desligado” e “distante”; e (c) <e, i, o, u> em contexto de hiato, como em “cadeado” e “ritual”. Todos os que não se encaixam nesses critérios fazem parte do grupo (2) *contextos de alçamento variável*.

Procedimentos teórico-metodológicos

Seguindo os objetivos delineados, com base nas abordagens teóricas adotadas, trilharam-se, na análise, dois percursos teórico-metodológicos. O primeiro consistiu em um levantamento quantitativo de todas as grafias convencionais e não convencionais do *corpus* que apresentassem os contextos linguísticos selecionados. E, como segunda abordagem, adotou-se o paradigma de Ginzburg (1991), que conduziu a busca por indícios deixados pelo escrevente de sua relação com a linguagem, bem como da relação que estabelece entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito, com base nas grafias das vogais pretônicas.

Para o levantamento quantitativo dos dados, foram identificadas, em todos os textos do *corpus*, todas as grafias convencionais e não convencionais de <e, i, o, u> na posição

pretônica. Feita a catalogação, organizaram-se, então, as grafias encontradas por grafema e por contexto fonológico. Quando uma palavra tinha mais de uma sílaba pretônica com os grafemas considerados, era repetida de acordo com o número de sílabas pretônicas que apresentava – “continuar”, por exemplo, foi copiada três vezes (continuar₁, continuar₂, continuar₃). Esse procedimento foi necessário para que a contagem pudesse ser realizada com a ferramenta “contar palavras” do Microsoft Office Word 2007, que nos levou aos resultados apresentados na análise.

Concluída a etapa de levantamento quantitativo das ocorrências, partimos para uma análise de cada texto do *corpus* em que foram encontradas grafias não convencionais. Sobre esses textos, conduziu-se um trabalho de cunho qualitativo, segundo metodologia fundamentada no paradigma indiciário (Ginzburg, 1991). Trata-se de uma metodologia baseada nas observações e nas percepções do pesquisador, que deve estar atento aos detalhes, às singularidades. Vários autores como Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997), Corrêa (1997; 2004), Capristano (2003) e Paula (2007) a utilizaram na análise de dados de escrita. As primeiras autoras, além de usar essa metodologia em sua pesquisa, defendem tal paradigma como relevante na análise de grafias não convencionais, uma vez que os dados singulares se tornam altamente reveladores em pesquisas sobre a aquisição da escrita.¹⁷

17 No mesmo artigo, as autoras comentam sobre o modo como esses “erros” cometidos por escreventes em fase de aquisição, durante algum tempo, não foram vistos como indiciadores de um processo: “Durante um longo período, os estudos e as práticas pedagógicas ignoraram o fato de que os ‘erros’ cometidos pelos aprendizes de escrita/leitura eram, na verdade, preciosos indícios de um processo em curso de aquisição da representação escrita da linguagem, registros dos momentos em que a criança torna evidente a manipulação

A leitura de todos os textos em que ocorreram grafias não convencionais levou-nos à identificação de alguns indícios da relação que pretendemos desvendar do sujeito com a linguagem. Por esse motivo, dispensa-se uma análise exaustiva de cada texto, neste momento, dedicando-se o espaço à análise dos dados singulares que se mostraram representativos da relação do sujeito com a linguagem, com base no encontro que propõe entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito, notado na representação da *gênese da escrita e do código escrito institucionalizado*, a serem abordados no Capítulo 4.

Em resumo, neste capítulo, apresentamos as escolhas teórico-metodológicas que viabilizam a observação das relações entre a convenção ortográfica, a escolha do grafema pelos escreventes e a realização dessas vogais na fala. No que diz respeito ao *corpus*, foram selecionados textos escritos por estudantes de quinta série, que já passaram por período médio de cinco anos de escolarização e utilizam grande parte das convenções ortográficas em seus textos. A seleção dos dados foi feita a partir de critérios, em sua maioria de base fonológica, que guiaram a seleção e a análise dos dados. Por fim, foram descritas as metodologias de análise quantitativa e de análise qualitativa, baseada no Paradigma Indiciário de Ginzburg (1991), que conduzem aos resultados apresentados nos capítulos 3 e 4.

que faz da própria linguagem, história da relação que com ela (re)constrói ao começar a escrever/ler". (Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson, 1997, p.17)

3

TENDÊNCIAS DAS GRAFIAS NÃO CONVENCIONAIS

Neste capítulo, apresentamos a análise e os resultados do levantamento quantitativo das grafias não convencionais das vogais pretônicas encontradas em textos de estudantes de quinta série. Expomos, pois, a relação observada entre essas grafias não convencionais e as possibilidades de realização das vogais em sílaba pretônica, tomando como objeto de análise as grafias não convencionais por *transcrição fonética* e por *hipercorreção*, de modo geral (seção “As grafias não convencionais e os dados de fala: transcrição fonética e hipercorreção”), e de acordo com as duas classes gramaticais *verbo e não verbo* (seção “As grafias não convencionais e os dados de fala: as classes gramaticais”). Além disso, apontamos a relação entre algumas tendências da ortografia, depreendidas dos dados do *corpus*, e as grafias não convencionais analisadas (seção “As grafias não convencionais e as tendências da convenção ortográfica”).

As grafias não convencionais e os dados de fala: *transcrição fonética* e *hipercorreção*

Buscamos, nesta seção, pelo levantamento das grafias convencionais e não convencionais de vogais pretônicas que apresentam os contextos linguísticos selecionados, resultados que sejam reveladores da relação que os dados de grafias não convencionais de <e, i, o, u>, quer do tipo *transcrição fonética*, quer do tipo *hipercorreção*, podem manter com os dados de fala, relativos ao alicamento das vogais pretônicas na variedade de São José do Rio Preto (Silveira, 2008; Carmo, 2009).

Quanto ao resultado geral, identificamos 16.303¹⁸ ocorrências de grafias convencionais e não convencionais de <e, i, o, u>, em palavras com sílabas pretônicas no *corpus*. As não convencionais contabilizaram apenas 263 ocorrências ou 1,6% do total de ocorrências, resultado compatível com o esperado de estudantes de quinta série, visto que tiveram já um longo período de contato com textos escritos e com a convenção ortográfica, ao menos no que proporcionaram os cinco anos de escolarização no ensino fundamental.

As grafias não convencionais encontradas foram classificadas de acordo com a proposta de Cagliari (1998), quanto aos tipos de *erros ortográficos* observados em textos de escreventes na chamada *aquisição da escrita*. Dentre as classificações propostas pelo autor, relacionam-se com nosso trabalho os chamados *erros por transcrição fonética* e por *hipercorreção*. O *erro por transcrição fonética* é tradicionalmente tratado como interferência da fala na escrita, como na grafia de “engenheiro” (para “engenheiro”), em

18 No Anexo B, constam as tabelas com o total de grafias de vogal pretônica encontrado no *corpus*, por grafema e por proposta.

que a grafia prevista é <e>, mas a realização da vogal /e/ da sílaba pretônica costuma ser [i], semelhante ao nome do grafema <i>. Neste trabalho, porém, as entendemos como indícios do reconhecimento, por parte do escrevente, do princípio acrofônico do alfabeto, ou seja, da relação que as letras do alfabeto estabelecem com os sons da fala. O erro por *hipercorreção*, no entanto, costuma ser tratado como generalização de uma regra de um contexto a outros semelhantes, como na primeira sílaba de “enfância” (para “infância”), em que o reconhecimento de que <e> na escrita, muitas vezes, representa [i] na fala, como na palavra “engenheiro”, levaria à escolha de tal grafema em vez de <i>, resultando em erro ortográfico. Em oposição a tal postura, reconhecemos, nessas grafias não convencionais, preciosos indícios da percepção, pelo escrevente, de que, embora haja, no alfabeto, certa relação entre letras e sons, esta se dá de modo não biunívoco, sobretudo quando se trata de vogais em posição pretônica.

O resultado do levantamento quantitativo dos tipos de grafias não convencionais encontrados no *corpus* mostrou que, de modo geral, há uma distribuição uniforme entre os dois tipos considerados, com uma pequena tendência à *transcrição fonética* – com 135 ocorrências (51,3%) – em relação à *hipercorreção* – com 128 ocorrências (48,7%). Considerados esses dois tipos de grafias não convencionais de vogais pretônicas em relação aos dois contextos fonológicos em que pode ocorrer alçamento vocálico, apresentamos a Tabela 3.1.

Tabela 3.1 Distribuição dos dados nos diferentes contextos¹⁹

Tipos de grafias não convencionais	Alçamento praticamente categórico	Alçamento variável
Transcrição fonética	1,50% (56/3.724)	0,63% (80/12.579)
Hipercorreção	1,13% (42/3.724)	0,67% (85/12.579)
Total	2,63% (98/3.724)	1,31% (165/12.579)

Os percentuais de grafias não convencionais dentre o total de ocorrências de palavras com vogais <e, i, o, u> em cada contexto de sílaba pretônica são, em maior proporção, em contextos de *alçamento praticamente categórico* (total de 2,63%) – sendo 1,5% de ocorrências por *transcrição fonética* e 1,13% por *hipercorreção* – que em contextos de *alçamento variável* (total de 1,31%) –, dos quais 0,63% de ocorrências por *transcrição fonética* e 0,67% de ocorrências por *hipercorreção*. Esses dados percentuais, de modo geral, não nos permitem sugerir uma tendência dos escreventes em grafar segundo o reconhecimento do princípio acro-fônico do alfabeto – *transcrição fonética* – ou segundo o reconhecimento da não biunivocidade entre grafemas e fonemas – *hipercorreção*.

Como apresentado na descrição dos dados selecionados para análise, são três os contextos de alçamento praticamente categórico, a saber: a) <e, i> seguidos de <n, m, s, x>, como em “esperto” e “infância”; b) <e, i> nas sílabas pretônicas “des” ou “dis”, sendo essa sílaba prefixo, como em “desempregado”, ou não, como em “desmaiar” e “disparado”; e c) <e, i, o, u> em contexto de hiato, como em “cadeado” e “moeda”. Observamos, na Tabela 3.2, que, dentre esses três contextos, são mais frequentes, em per-

19 Os percentuais são obtidos a partir da proporção de grafias não convencionais dentre o total de grafias de <e, i, o, u> nos contextos considerados.

centual, em relação aos acertos para cada um, as grafias não convencionais no contexto (b), com 18% de ocorrências (sendo 12% por *transcrição fonética* e 6% por *hipercorreção*). Contudo, (b) é o contexto com menor número de ocorrências (com 18 grafias não convencionais em cem ocorrências do contexto), em relação ao total de 2.322 ocorrências do contexto (a) e a 1.302 do contexto (c). A pouca recorrência de palavras no contexto (b) não é exclusividade da amostra trabalhada, à medida que, na língua portuguesa, o prefixo “des-” – somado às palavras que se iniciam por “des” – é menos recorrente em relação aos demais contextos analisados. Essa característica do contexto (b) pode, portanto, ter levado à diferença de porcentagem observada entre os resultados.

Tabela 3.2 Distribuição dos dados em contextos de alçamento praticamente categórico

Tipos de grafias não convencionais	Contextos de alçamento praticamente categórico		
	(a)	(b)	(c)
Transcrição fonética	0,99% (23/2.322)	12% (12/100)	1,61% (21/1.302)
Hipercorreção	1,12% (26/2.322)	6% (6/100)	0,77% (10/1.302)
Total	2,11% (49/2.322)	18% (18/100)	2,38% (31/1.302)

Buscando investigar as características das vogais pretônicas na fala relevantes para este estudo fez-se uma inspeção acústica de dados de fala de sujeitos da variedade rio-pre-tense, com base em gravações de leitura de diferentes frases, nas quais havia palavras com os três contextos de alçamento praticamente categórico.²⁰ Nos contextos (a) e (c), a vogal

20 A análise acústica foi feita por ocasião da disciplina fonética acústica, no primeiro semestre do ano de 2009, no âmbito do

alçada aproximava-se, acusticamente, mais da vogal alta /i/ que da vogal média /e/, com frequências de F1 279,1 Hz e F2 2895,2 Hz.²¹ No contexto (b), em especial, os resultados encontrados no espectrograma não evidenciaram presença de vogal, de modo que apareciam apenas as consoantes [dz] ou [ds]. O fato de, na realização dessa sílaba pretônica, não haver, necessariamente, a realização de vogal, somada à pouca recorrência desse contexto na língua e em consequência na escrita, pode também ter levado os escreventes a uma maior dúvida na grafia desse contexto.

Os dados de grafias não convencionais em contextos de *alçamento variável* foram, primeiro, divididos segundo a qualidade da vogal em coronal <e, i> ou dorsal <o, u>, em função da relação que pode ser estabelecida entre as vogais médias-altas na escrita e na fala, pois /e/ e /o/ têm, na fala, comportamento distinto com relação ao alçamento.²² Os resultados obtidos para esses contextos podem ser observados na Tabela 3.3.

programa de pós-graduação em estudos linguísticos. Agradecemos os comentários e as sugestões da profa. dra. Larissa Berti na execução do trabalho.

21 Analisamos as frequências relativas de vogais em frases lidas e gravadas, em três repetições, por três informantes do sexo feminino. Na realização das vogais médias-altas, as médias das frequências encontradas foram, para [e], F1 445.4 Hz e F2 2498.5 Hz; para [o], F1 445.1 Hz e F2 774.1 Hz. Nas vogais altas, as médias das frequências medidas foram, para [i], F1 256.1 Hz e F2 2373 Hz; para [u], F1 273.5 Hz e F2 905.6 Hz. Nas vogais alçadas, os resultados das médias das frequências medidas foram, para /e/ alçado, F1 279.1 Hz e F2 2895.2 Hz; para /o/ alçado, F1 302.9 Hz e F2 864,1 Hz. Assim, verificou-se que as frequências de F1 e F2 das vogais médias alçadas aproximam-se mais das vogais altas que das vogais médias.

22 Em Bisol (1981), podem ser encontradas informações sobre a diferença com relação ao alçamento para as coronais e as dorsais, bem como nos estudos de Silveira (2008) e Carmo

Tabela 3.3 Distribuição dos dados em contextos de alçamento variável

Tipos de grafias não convencionais	Contextos de alçamento variável	
	Coronais	Dorsais
Transcrição fonética	0,5% (39/7.797)	0,84% (40/4.782)
Hipercorreção	0,89% (70/7.797)	0,33% (16/4.782)
Total	1,38% (109/7.797)	1,17% (57/4.782)

As grafias não convencionais do tipo *transcrição fonética* se distribuem de modo mais próximo em número e em porcentagem entre os contextos de coronais – com 39 ocorrências (0,5%) – e os de dorsais – com 40 ocorrências (0,84%). Ou seja, quando o escrevente coloca em relevo sua percepção do princípio acrofônico do alfabeto – <i> pode representar [i] e <u> pode representar [u] –, não se observa diferença percentual relevante entre os dados relativos à substituição de <e> por <i> e de <o> por <u>. No entanto, levando-se em conta as ocorrências por *hipercorreção*, há número e porcentagem maior de grafias não convencionais em contexto de coronais – 70 ocorrências (0,89%) – do que em contexto de dorsais – 16 ocorrências (0,33%). Sendo assim, quando o escrevente coloca em relevo sua percepção da não biunivocidade entre fonemas e grafemas da escrita – de que [i] também pode ser representado por <e> e [u], por <o> –, há predominância da substituição de <i> por <e> (como “premeiro”) em relação à substituição de <u> por <o> (como “fogir”). Uma possível explicação para essa

(2009) para a variedade dos sujeitos falantes-escreventes analisados neste trabalho.

porcentagem maior de grafias não convencionais por *hiper-correção* em contexto de vogal coronal será dada a seguir.

O fenômeno de *alçamento* das vogais pretônicas na variedade rio-pretense e a comparação dessa variedade em relação a outras das regiões Sul e Sudeste foram estudados por Silveira (2008), para os não verbos (substantivos e adjetivos), e por Carmo (2009), para os verbos. Essas autoras constataram que o fenômeno é mais recorrente para as coronais que para as dorsais. Ou seja, a realização da vogal coronal /e/ como [i] – como em “p[i]queno” – é mais recorrente que a realização da vogal dorsal /o/ como [u] – como em “p[u]dia”. Ao contrário do que poderia ser esperado para os dados de escrita, com relação ao tipo de grafia não convencional para as coronais, como dissemos, foram encontradas no *corpus* mais ocorrências do tipo *hipercorreção* que do tipo *transcrição fonética*. Ou seja, se os escreventes se baseassem apenas em sua fala, seriam esperadas mais substituições de <e> por <i> – *transcrição fonética* – que de <i> por <e> – *hipercorreção* –, ao contrário do que foi encontrado nos dados. O resultado demonstra a capacidade de o escrevente perceber a realização variável das vogais na fala, bem como da heterogeneidade da ortografia quanto aos critérios utilizados ao serem fixadas as formas únicas para as palavras. As características das coronais na fala permitem, pois, afirmar que, com frequência, o grafema <e> na sílaba pretônica não coincide com o som da fala, visto que, por causa da grande recorrência do fenômeno de alçamento para as coronais, sua realização fonética é, muitas vezes, [i]. O fato de essa não coincidência entre letra e som, para as coronais, ser recorrente pode ter levado os escreventes a optar por <e> nos momentos de dúvidas, em que, na fala, poderia ser [i]. Na ortografia, contudo, os contextos em que se pronuncia é [i] podem ser grafados tanto com

<e> quanto com <i>, de modo que, quando a escolha do escrevente por <e> não resultou na grafia estabelecida pela convenção ortográfica, ocorreu uma grafia não convencional por *hipercorreção*.

Embora tenhamos considerado de início as grafias não convencionais por *transcrição fonética* como evidência do reconhecimento da relação que as letras do alfabeto estabelecem com os sons da fala e as grafias não convencionais por *hipercorreção* como evidência da percepção da não biunivocidade entre as letras e os sons, não significa que o escrevente, ao grafá-las, não tenha percebido outras relações. Ou seja, dizer que as grafias foram motivadas por uma espécie de transcrição da fala não significa dizer que o escrevente desconheça a heterogeneidade da ortografia ao formular sua hipótese sobre a grafia da palavra. De modo semelhante, seria um equívoco dizer que as grafias não convencionais por *hipercorreção* não evidenciam o reconhecimento da relação que a ortografia estabelece com o fonético e o fonológico da língua.

Por notar que todas as grafias não convencionais podem evidenciar o reconhecimento da relação que a ortografia estabelece com o fonético-fonológico da língua, optou-se por analisar os dois tipos de grafias não convencionais em conjunto, com base nos contextos em que ocorreram. Essa análise será realizada, a seguir, com relação aos dados em contexto de *alçamento variável*.

É importante retomar, com relação à ocorrência do fenômeno de *alçamento* na fala, que há, na literatura em fonologia basicamente duas explicações para a realização fonética das vogais médias ser semelhante à das vogais altas. Lemle (1974), Camara (1969) e Bisol (1981), por exemplo, explicam com base na *harmonização vocálica*, que ocorre quando a vogal média se realiza como uma vogal

alta por influência de uma vogal alta da sílaba seguinte, como em “ac[u]stumado”.²³ Abaurre-Gnerre (1981) propõe, também, uma explicação por meio da *redução vocálica*, que se caracteriza por haver o levantamento de altura da vogal média por influência das consoantes adjacentes – as consoantes sibilantes /s/ e /z/ influenciariam /e/, as labiais influenciariam /o/ e as dorsais, por sua articulação alta, influenciariam ambas as vogais, como em “f[u]guete”.²⁴ Neste trabalho, consideramos as duas explicações para o fenômeno de alçamento, observando os contextos apontados por esses autores, para que possamos estabelecer uma relação coerente entre os dados de escrita e os de fala. Tal relação não deve ser direta, como explicitado, pois não se trata apenas da substituição do grafema <e>, referente à vogal média, pelo grafema <i>, referente à vogal alta – troca que resultaria nas grafias não convencionais por *transcrição fonética* –, mas também na substituição do grafema <i>, referente à vogal alta, pelo grafema <e>, referente à vogal média, resultando nos casos de grafias não convencionais por *hipercorreção*.

Foram analisadas todas as grafias não convencionais encontradas em contextos de *alçamento variável*, observando-se aqueles em que o grafema empregado não está de acordo com a convenção. Como pode ser constatado²⁵ na Tabela 3.4, o resultado da análise mostrou que todos os grafemas de vogais utilizados em desacordo com a convenção estão em contextos propícios para a realização de vogal alta, ou

23 O traço de altura da vogal /u/ influenciaria o alçamento de /o/, que se realizaria como [u].

24 O traço labial de /f/ e o de altura de /g/ levariam ao alçamento de /o/, que se realizaria como [u].

25 Cf. nos quadros C.2 e C.3 (Anexo C) a lista de palavras identificadas.

seja, contextos em que a vogal média tende a se realizar como alta.

Tabela 3.4 Distribuição dos dados de alçamento variável quanto ao processo envolvido

Tipo de grafia não convencional	Harmonização	Redução	Total
Transcrição fonética <i, u>	58	77	77
Hipercorreção <e, o>	29	86	86

Verifica-se que nos casos em que a grafia de <e, i, o, u> não coincidiu com a ortografia estabelecida, havia uma vogal alta nas sílabas subsequentes, levando, na fala, ao alçamento por *harmonização vocálica*, ou uma consoante adjacente anterior ou seguinte, com traços que influenciariam a elevação de altura, caracterizando, na fala, o alçamento por *redução vocálica*. Portanto, independentemente de ser grafia não convencional por *transcrição fonética* ou por *hipercorreção*, constata-se haver informação na estrutura da palavra que poderia levar à realização fonética de vogal alta – [i] ou [u]. Com base na Tabela 3.4 e nos quadros C.2 e C.3 (Anexo C), nota-se também que muitos dos dados podem ser explicados por *harmonização vocálica*, ou seja, quer de *transcrição fonética*, quer de *hipercorreção*, há uma vogal com traço de altura que poderia levar à elevação da vogal pretônica. Observa-se, ainda, que todos podem ser explicados pela redução vocálica, isto é, em todos os dados há uma consoante anterior ou posterior passível de elevar a altura da vogal.

Dessas características das grafias não convencionais em contexto de *alçamento variável*, podemos concluir que, nos casos em que ocorrem, há informação na estrutura da palavra que talvez levasse à realização de [i] ou [u], fato

que pode ter conduzido às grafias não convencionais por *transcrição fonética* – quando o escrevente interpreta [i] e [u] como /i/ e /u/, grafando com <i> e <u> – e por *hiper-correção* – quando o escrevente interpreta [i] e [u] como /e/ e /o/ alçados, grafando com <e> e <o>.

Com relação aos contextos de *alçamento praticamente categórico*, isto é, em que quase não há variação e as vogais médias sempre estão em contextos de elevação de altura – e de fato costumam ser realizadas como as altas –, podemos chegar a conclusão semelhante à dos dados de alçamento variável. As grafias não convencionais por *transcrição fonética* e por *hiper-correção* talvez tenham motivação advinda da realização fonética dessas vogais, levando o escrevente a interpretar [i] e [u] de dois modos: a) como vogal alta /i, u/, grafando <i, u>; b) como vogal média /e, o/ alçada, grafando com <e, o>.

As grafias não convencionais e os dados de fala: as *classes gramaticais*

Ampliando a investigação da relação entre os dados de fala e os de escrita, consideramos relevante observar a relação entre aqueles em contexto de *alçamento variável* e a classe gramatical (verbos e não verbos) das palavras que apresentam esse contexto.

Partimos, em um estudo preliminar (Tenani; Reis, 2009), do fato de que as pesquisas sobre o dialeto falado em São José do Rio Preto (Silveira, 2008; Carmo, 2009) mostraram que as vogais pretônicas coronais e dorsais apresentavam comportamento diverso, a depender da classe gramatical. Verificou-se, por exemplo, que na variedade rio-pretense a *harmonização vocálica* é o processo que motiva o alçamento vocálico das vogais pretônicas nos

verbos (Carmo, 2009), enquanto a *redução vocálica* parece atuar nos – substantivos e adjetivos (Silveira, 2008). Com base nos números apresentados nas Tabelas 3.5 e 3.6, pode-se observar que a redução vocálica explica todos os dados de grafias não convencionais do *corpus*, à medida que o número de dados que podem ser justificados pela redução vocálica é igual ao total de dados, quer para verbos, quer para não verbos (cf. quadros C.2 e C.3, Anexo C). A harmonização vocálica, no entanto, explica um pouco mais da metade dos dados. Tratando especificamente de grafias não convencionais em não verbos, encontramos os seguintes resultados:

Tabela 3.5 Distribuição dos dados de acordo com o processo envolvido para os não verbos

Tipo de grafia não convencional	Harmonização	Redução	Total
Transcrição fonética <i, u>	23	50	50
Hipercorreção <e, o>	19	54	54

Silveira (2008, p.122) aponta que “apesar dos casos relacionados à harmonia entre vogais, o fenômeno que parece melhor explicar o alteamento das vogais é o de redução vocálica, a partir do que pontua Abaurre-Gnerre (1981)”. Desse modo, nota-se na Tabela 3.5 que, para os não verbos, o processo de redução vocálica pode ser considerado o principal motivo do alçamento tanto nos dados de fala quanto nos de escrita – seja de grafias não convencionais por *transcrição fonética*, seja por *hipercorreção* –, visto que pode explicar todos os dados. Quanto aos dados de grafias não convencionais de verbos, na Tabela 3.6, é possível observar sua distribuição de acordo com o processo fonológico envolvido.

Tabela 3.6 Distribuição dos dados de acordo com o processo envolvido para os verbos

Tipo de grafia não convencional	Harmonização	Redução	Total
Transcrição fonética <i, u>	35	37	37
Hipercorreção <e, o>	10	32	32

Com relação aos verbos, Carmo (2009, p.97-8) aponta que a principal motivação para o alçamento na fala é a harmonização vocálica, fato especialmente motivado pelos verbos de terceira conjugação, que carregam a vogal alta /i/ em suas desinências. Para os dados de escrita, notam-se diferentes explicações, a depender do tipo de grafia não convencional. Quanto aos de *transcrição fonética*, há apenas dois – as ocorrências “muntei” e “munto(u)” –, cujas grafias não convencionais não podem ter sido decorrentes de harmonia vocálica, visto que não há vogal alta na sílaba seguinte. Essas ocorrências do verbo “montar” podem estar relacionadas ao fato de, na variedade do noroeste paulista, esse verbo ter duas realizações possíveis, “m[o]ntar” e “m[u]ntar”, dependendo dos significados veiculados. Quando “m[o]ntar” – verbo transitivo direto –, o significado é “juntar as diversas partes de algo”;²⁶ quando “m[u]ntar” – verbo transitivo indireto –, o significado é “subir em alguma coisa, como em um cavalo”.²⁷ No *corpus*, as duas ocorrências têm o significado de “montar a cavalo”, ou seja, contexto em

26 Acepção 11 do verbete “montar” no *Dicionário eletrônico Houaiss 3.0*, de junho de 2009: “11 t.d. juntar (as diversas partes de algo); encaixar, engastar <m. um quebra-cabeça>”.

27 Acepção 3 do verbete “montar” no *Dicionário eletrônico Houaiss 3.0* (2009): “3 t.i.bit. e pron. colocar(-se) em cima de (cavaladura, motocicleta etc.) <só queria m. em animais ariscos> <montou a criança num pônei> <montou-se rapidamente, acelerou a moto e partiu>”.

que, provavelmente, na variedade falada, a realização seria “m[u]ntar”. Portanto, para além de ser uma escrita baseada no falado, as grafias de “muntei” e “munto(u)” também são motivadas pelo fato de o verbo “montar” ser polissêmico e a cada um dos significados estarem associadas realizações alternativas. Quanto aos dados de *hipercorreção*, no entanto, a maioria não pode ter sua motivação no processo de harmonização vocálica. Sendo assim, consideramos que, também para os verbos, é a redução vocálica que melhor explica as ocorrências encontradas de modo geral.

Ainda sobre a relação entre os dados de fala e de escrita, no que concerne às classes gramaticais, observou-se como se dá essa relação quanto à qualidade da vogal: se coronal, representado na escrita por <e> e <i>; se dorsal, por <o> e <u>. De acordo com o apresentado por Silveira (2008) e Carmo (2009), há maior recorrência de alçamento da vogal média /e/ que da vogal média /o/. Semelhantes resultados foram encontrados nos dados de escrita, conforme apresentado na Tabela 3.7.

Tabela 3.7 Distribuição dos dados por tipo de grafia não convencional, qualidade da vogal e classe gramatical

Classe gramatical	Coronais		Dorsais		Total
	<i>Transcrição fonética</i>	<i>Hipercorreção</i>	<i>Transcrição fonética</i>	<i>Hipercorreção</i>	
Verbos	19	23	18	9	69 (41,8%)
Não verbos	20	47	22	7	96 (58,2%)
Total	39	70	40	16	165 (100%)

Nota-se, portanto, certa aproximação entre o resultado do acentamento das vogais médias na fala e as ocorrências de grafias não convencionais do *corpus*, de modo que tanto para os verbos – 19 ocorrências de *transcrição fonética* e 23 de *hipercorreção* – quanto para os não verbos – 20 ocorrências de *transcrição fonética* e 47 de *hipercorreção* –, há mais recorrência de grafias não convencionais na escrita das coronais do que das dorsais. Essa relação indica que a variação linguística constatada na realização das vogais pretônicas levaria a dúvidas sobre o modo convencional de empregar <e, i, o, u>. A maior variação na realização de /e/ em relação a /o/ pode ter resultado em número maior de grafias não convencionais de <e, i> em relação a <o, u>.

Sobre a distribuição dos tipos de grafias não convencionais consideradas, verificou-se nos dados que, para as vogais coronais, há, no caso dos verbos, mais grafias não convencionais por *transcrição fonética* – substituição de <e> por <i>, como em “pidir” –, enquanto há para os não verbos mais ocorrências de *hipercorreção* – substituição de <i> por <e>, como em “premeiro”. Entre as vogais dorsais, pode-se notar que tanto para os verbos – 18 de 27 ocorrências –, quanto para os não verbos – 22 de 29 ocorrências – predominam as grafias não convencionais por *transcrição fonética* – como “pudia” (verbo) e “cumida” (não verbo). Portanto, quando considerada a relação entre o tipo de grafia não convencional e a classe gramatical, observa-se, na grafia das vogais *coronais*, a tendência de haver mais casos de *hipercorreção* para os não verbos e mais de *transcrição fonética* para os verbos; na grafia das vogais *dorsais*, por sua vez, há mais casos de *transcrição fonética*, independentemente da classe da palavra grafada. Com base nesses resultados, constata-se diferença quanto às dificuldades na

grafia de <e, i>, de um lado, e <o, u> de outro, sobretudo quando se observam as classes gramaticais.

No que diz respeito à distribuição de grafias não convencionais por classe gramatical, não foi observada diferença considerável entre verbos e não verbos: os dados apresentaram pequeno predomínio dos não verbos, com 58,2% do total. A expectativa inicial não confirmada era a de que houvesse maior número de verbos, por causa da metafonia verbal que ocorre na segunda e na terceira conjugações – como em “consegui” e “consigo” e em “durmo” e “dorme”. Diante da especificidade dessa classe gramatical, ainda que a hipótese inicial não tivesse sido confirmada, focamos nosso olhar nas formas verbais dessas grafias não previstas pela ortografia, distribuindo os dados pelas três conjugações verbais, conforme apresentado na Tabela 3.8.

Tabela 3.8 Distribuição dos dados de verbos por conjugação

Conjugação	Número	%
1 ^a	24	34,8%
2 ^a	14	20,3%
3 ^a	31	44,9%
Total	69	100%

A hipótese de que a metafonia verbal pudesse induzir a dúvidas os escreventes, resultando em grafia não convencional, como se observa na Tabela 3.8, foi confirmada, posto que a maior parte (65,2%) dessas grafias em formas verbais refere-se aos verbos de segunda (20,3%) e terceira (44,9%) conjugações. Considerando apenas essas ocorrências e observando as possibilidades de grafemas das vogais que podem compor o radical desses verbos em outros tempos verbais, chegamos ao seguinte quadro:

Quadro 3.2 Possibilidades de registros gráficos das vogais nos verbos²⁸

	Grafias não convencionais	Grafemas possíveis no radical	Exemplos
2ª conjugação	des ser am	<i>	disse (3ª p. s. pres. indic.)
	po d er (puder) po d essem pu d ia pu d ia pu d ia pu d iam	<o>, <u>	po d e (3ª p. s. pres. indic.) pu d e (1ª p. s. pret. perf. indic.)
	que s er que z er qui r ia qui r ia	<e>, <i>	que r o (1ª p. s. pres. indic.) qui s (1ª e 3ª p. s. pret. perf. indic.)
	ve v endo ve v er ve v eram	<i>	vi v o (1ª p. s. pres. indic.)
3ª conjugação	con si guiram con si guio con si guio con si guir con si guir con si guir con si guirei	<e>, <i>	con se gue (3ª p. s. pres. indic.) con si go (1ª p. s. pres. indic.)
	de c edi	<i>	de c ido (1ª p. s. pres. indic.)
	de sc ubri de sc ubri de sc ubrir de sc ubrir de sc ubriu	<o>, <u>	de sc obri (1ª p. s. pret. perf. indic.) de sc ubro (1ª p. s. pres. indic.)

28 A escolha dos exemplos se deu de modo aleatório e teve como objetivo exemplificar, com ao menos uma forma verbal, as possibilidades de ortografia da vogal do radical dos verbos que foram grafados de modo não convencional no *corpus*.

	Grafias não convencionais	Grafemas possíveis no radical	Exemplos
3ª conjugação	desestiu	<i>	desisto (1ª p. s. pres. indic.)
	devertindo devertiu	<i>	divertiu (3ª p. s. pret. perf. indic.)
	dícidu disídiu	<e>	decidiu (3ª p. s. pret. perf. Indic.)
	dumir durmimos durmir durmir	<o>, <u>	dormia (1ª e 3ª p. s. pret. imperf. indic.)
	fogindo fogir fogu	<o>, <u>	foge (3ª p. s. pres. indic.) fujo (1ª p. s. pres. indic.)
	persegui-los	<e>, <i>	persegue (3ª p. s. pres. indic.) persigo (1ª p. s. pres. indic.)
	pidir	<e>	peço (1ª p. s. pres. indic.)
	sigir siguio	<e>, <i>	segue (3ª p. s. pres. indic.) sigo (1ª p. s. pres. indic.)
	sobi (subi)	<o>, <u>	sobe (3ª p. s. pres. indic.) subo (1ª p. s. pres. indic.)
	vistiu	<e>, <i>	veste (1ª p. s. pres. indic.) visto (1ª p. s. pres. indic.)

Conforme se observa no Quadro 3.2, dos 17 verbos que tiveram alguma ocorrência de grafia não convencional, 10

resultaram da escolha do escrevente por uma das vogais variantes do radical do verbo; no entanto, a escolha não foi segundo o previsto pela ortografia (considerando-se tempo e modo verbal). É importante ressaltar que essa metafofia vocálica no radical do verbo pode ser constatada tanto na fala quanto na escrita. Tomando como exemplo o verbo “conseguir”, na variedade rio-pretense, há realização variante em “cons[e]guia” e “cons[i]guia” (1ª/3ª p. s. pret. imperf. indic.) e realização categórica de “cons[i]guiu” (3ª p. s. pret. perf. indic.).²⁹ Por outro lado, o mesmo verbo, na ortografia, pode ter a vogal grafada com <i>, como em “consigo” (1ª p. s. pres. indic.) ou com <e>, como em “conseguimos” (1ª p. pl. pres. indic.). Ou seja, a vogal do radical dos verbos é passível de variação tanto na fala quanto na escrita. No entanto, na fala, pode haver variação na realização de uma mesma forma verbal, enquanto, na escrita, a variação apresenta-se entre diferentes tempos e pessoas verbais. Tal possibilidade de variação na fala e na escrita explica, pois, o maior número de grafias não convencionais para verbos da segunda e da terceira conjugações.

As grafias não convencionais e as tendências da convenção ortográfica

Apresentamos, nesta seção, a relação que as grafias não convencionais de vogais mantêm com as características da convenção ortográfica. Discorreremos com base nos resultados apresentados em Reis (2010), acerca da relação entre os dados de grafias não convencionais em contexto de alçamento praticamente categórico para /e/, e nas convenções ortográficas para a mesma vogal. Res-

29 Cf. Carmo (2009).

tringimo-nos à análise das grafias de <e> e de <i>, pois interessa, para tal, a comparação entre a tendência da grafia dos escreventes e a da convenção ortográfica – em <e> ou em <i> –, na representação do mesmo som [i] em três diferentes contextos em que o alçamento é praticamente categórico para /e/. Os contextos de que tratamos são: a) <e, i> seguidos de <n, m, s, x> – como em “infância” e “engenheiro”; b) <e, i> nas sílabas pretônicas “des” ou “dis” – como em “desligado” e “distante”; e c) <e, i> em contexto de hiato – como em “teatro” e “viajar”. Excluímos, portanto, os dados de grafia de <o> e de <u> que poderiam ocorrer em contexto de hiato, a fim de viabilizar a comparação entre os dados dos diferentes contextos que envolvem as vogais coronais.

Pelo levantamento quantitativo dos empregos convencionais e não convencionais dos grafemas <e, i> para cada contexto, pode-se notar a tendência da convenção para as palavras mais frequentes e a tendência da escolha dos escreventes para a grafia desses contextos, de acordo ou não com a convenção ortográfica. Os resultados obtidos nas grafias de <e> e de <i> para representar o som [i] (que pode se referir à vogal /i/ ou à vogal /e/ alçada), nos três contextos investigados, indicam que 63,7% do total de ocorrências de grafias convencionais e não convencionais são de <e>. Verifica-se, assim, tendência pela escolha de <e> nos contextos em que há a realização praticamente categórica de [i], o que indica que, de modo geral, os sujeitos escreventes não se guiam apenas pelo princípio acrofônico do alfabeto – que resultaria em uma tentativa de representar os sons da fala segundo o nome das letras, grafando <i>. Pelo contrário, os escreventes reconhecem a diferença entre a realização fonética desses contextos – com predomínio de [i] – e suas ortografias – que podem ser com <e> ou <i>, a depender

da palavra – e tendem a escolher a grafia de <e>. No que concerne à relação entre as grafias dos escreventes e a convenção ortográfica, observamos o seguinte:

Tabela 3.9 Relação entre grafias convencionais e não convencionais de <e> e <i>

Grafia	<e>	<i>	Total
Não convencional	40	46	86
Convencional	2226	1240	3466
Total	2266	1286	3552
Não convencional/Total	1,7%	3,6%	2,4%

A leitura vertical da Tabela 3.9 indica maior proporção das grafias em <i> escritas em desacordo com a convenção (3,6%) que de grafias não convencionais em <e> (1,7%). Isto é, a escolha predominante por <e> leva à grafia convencional, como já se notou anteriormente. Essas primeiras constatações permitem concluir que a heterogeneidade da escrita é confirmada pelos dados ora apresentados, que atestam a não biunivocidade entre letras e sons e que os escreventes reconhecem a não biunivocidade e parecem conhecer as tendências heterogêneas dessa convenção.

À luz dessas considerações, seguiu-se a análise dos três contextos separadamente, a fim de notar se haveria tendências ortográficas diferentes a depender do contexto. Iniciando pelo contexto (a), caracterizado pela grafia de <e> ou <i>, seguidos de <n>, <m>, <s> ou <x>, como em “escola” e “inteira”, foi constatada tendência semelhante à observada de modo geral, isto é, um percentual maior de palavras grafadas com <e> em relação a <i>, conforme se visualiza na Tabela 3.10.

Tabela 3.10 Relação entre grafias convencionais e não convencionais para o contexto (a)

Grafia	<e>	<i>	Total
Não convencional	26	23	49
Convencional	2082	191	2273
Total	2108	214	2322
Não convencional/Total	1,2%	10,7%	2,1%

Os resultados encontrados para esse contexto não diferem dos observados na análise dos dados conjuntos, que são: frequência maior de palavras com ortografia em <e>, como “esquisito”; frequência percentualmente menor de grafias não convencionais pela escrita de <e>, como “enteira”; e, em consequência, maior porcentagem de grafias não convencionais de <i> como “impresas”. Esses resultados indicam certa recorrência de <e> em relação a <i> em palavras escritas conforme a convenção ortográfica, nos contextos em cuja realização fonética predomina [i], além de indicar que os escreventes costumam optar por <e> – agindo, de certo modo, segundo a tendência da convenção.

O contexto (b) refere-se à grafia de <e, i> em palavras iniciadas por “des” ou “dis”, como “desligado” e “distante”; incluem-se, pois, as palavras com o prefixo “des-”³⁰ bem como as demais escritas com “des” e “dis”. Os resultados encontrados apresentam-se na Tabela 3.11.

Tabela 3.11 Relação entre grafias convencionais e não convencionais para o contexto (b)

Grafia	<e>	<i>	Total
Não convencional	6	12	18
Convencional	74	8	82
Total	80	20	100
Não convencional/Total	7,5%	60%	18%

30 Não consideramos o prefixo “dis-”, dada a não ocorrência no *corpus*.

Assim como para o anterior, os resultados para este contexto confirmam as tendências apresentadas de início. Aqui, porém, se observa um percentual ainda maior de grafias de <i> não convencionais. Considera-se, neste caso, que o conhecimento da forma do prefixo “des-” pode ter conduzido às grafias de <e> – tanto convencionais quanto não convencionais. Conforme apontado na seção “As grafias não convencionais e os dados de fala: transcrição fonética e hipercorreção”, há poucas ocorrências desse contexto, sobretudo, em palavras com ortografia em <i>, como em “discussão”, por exemplo. Este dado reforça a tendência de <e>, notada nos três contextos juntos e no contexto (a) em separado, também na ortografia das palavras mais frequentes que o apresentam (consideradas com base na recorrência no *corpus*).

Os resultados dos contextos (a) e (b) não apresentaram diferenças que justificassem sua separação, por causa da semelhança entre os resultados gerais e os obtidos para esses contextos individualmente. Há, no entanto, diferença em relação às tendências apontadas, quando considerado o contexto (c) separadamente – grafia de <e> ou <i> em contexto de hiato – como se visualiza na Tabela 3.12.

Tabela 3.12 Relação entre grafias convencionais e não convencionais para o contexto (c)

Grafia	<e>	<i>	Total
Não convencional	8	11	19
Convencional	70	1041	1111
Total	78	1052	1130
Não convencional/Total	10,2%	1,0%	1,7%

No contexto (c), ao contrário dos demais, predominam as grafias convencionais pela escrita de <i> – 1.041 ocorrên-

cias do total de 1.111. Esse resultado revela que, de modo diferente dos outros, a ortografia tende a grafar o contexto de hiato com o grafema <i>, como em “avião”. Do modo como acontece com os demais contextos, os escreventes parecem seguir a tendência da ortografia, predominando as grafias de <i>, resultando em grande porcentagem de grafias convencionais. Por consequência, há um percentual maior de grafias não convencionais resultantes da escrita de <e>, como em “veajar”.

Miranda (2008) analisou grafias não convencionais de vogais em contexto de hiato em produções escritas de crianças da quarta série do ensino fundamental (de 8 anos). Nesse trabalho, a autora constatou que a tendência das crianças – assim como dos adolescentes – era a de grafar <i> em casos em que a ortografia prevê <e>. Segundo a autora, tais grafias representariam uma relação que as crianças estabelecem com a fala, de modo que a grafia de <i> exporia a tendência da língua em desfazer o hiato, tornando-o ditongo.³¹ Ilumina-se, assim, a constatação, possível pelos dados juvenis, da apropriação dessa tendência da língua não somente nas hipóteses dos escreventes, mas também no estabelecimento das convenções ortográficas, de modo que há recorrência bem maior, em contexto de hiato, de grafias de <i> que de <e> – ao contrário do encontrado nos outros dois contextos considerados.

Ainda que esse último contexto tenha apresentado diferença na recorrência de <i> em relação aos outros dois, as análises realizadas nesta seção permitem concluir que as grafias não convencionais dos escreventes – cujos textos foram produzidos em ambiente escolar, embora estejam em discordância com a convenção ortográfica – apontam para o

31 A esse respeito, conferir Bisol e Brescancini (2002).

(re)conhecimento das tendências notadas na convenção – das palavras mais recorrentes.

Ao término deste capítulo, é salutar retomar os principais pontos discutidos. Foram apresentados os resultados quantitativos e as análises dos aspectos estruturais das grafias de <e, i, o, u> que estabelecem relação com os dados de fala. As informações do sistema linguístico se mostram relevantes na análise das tendências das grafias não convencionais quando vistas pela consideração da heterogeneidade da ortografia. A descrição do fenômeno de *alçamento* na variedade rio-pretense possibilitou notar a relação dos dados com características da fala – como a explicação para o alçamento na fala por *harmonia vocálica* e por *redução vocálica*, que também podem explicar os dados de escrita. Além disso, a análise das classes gramaticais verbos e não verbos separadamente evidenciou características específicas dos dados de cada uma, em especial para os de verbos, à medida que apresentaram maior número de grafias não convencionais nos de segunda e de terceira conjugações. Quanto às tendências da ortografia, a análise das grafias convencionais e não convencionais dos contextos de *alçamento praticamente categórico*, em particular, mostrou que a tendência pela escolha de <e> ou de <i> das grafias convencionais – que evidenciam a tendência da convenção ortográfica em palavras recorrentes – é a mesma notada nas grafias não convencionais, dando indícios da percepção desses escreventes de características da convenção ortográfica.

4

AS GRAFIAS NÃO CONVENCIONAIS COMO REGISTROS DA REPRESENTAÇÃO DO ESCRIVENTE SOBRE A ESCRITA

Neste capítulo, mostramos de que maneira as grafias não convencionais de vogais pretônicas podem, também, ser tomadas como registros da representação do escrevente sobre a escrita. No que concerne a essa representação, notamos como tais grafias podem indicar a circulação dos escreventes pelo primeiro eixo – representação da *gênese da escrita* – (seção “As grafias não convencionais como registros da gênese da escrita”) e pelo segundo eixo – representação do *código escrito institucionalizado* – (próxima seção), conforme Corrêa (2004).

As grafias não convencionais como registros da *gênese da escrita*

Mostraremos aqui como as grafias não convencionais de vogais pretônicas podem evidenciar a mixagem elaborada pelo escrevente entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito. À luz da noção de heterogeneidade da escrita (Corrêa, 2004), investiga-se a representação do escrevente sobre a *gênese da escrita*. O olhar para este eixo

não se limita a localizar suas marcas em pontos determinados de uma sequência de estágios cronologicamente concebidos, tampouco as identifica por meio de uma visão normativa que as tome como desvios. Trata-se, ao contrário, *de captar a imagem que o escrevente faz do processo de constituição da (sua) escrita*, tomando por base sua escrita atual. (idem, *ibidem*, p.89, grifos nossos)

No processo de constituição da (sua) escrita, o escrevente transita entre diferentes representações, basicamente, em torno de três eixos propostos por Corrêa (2004), que evidenciam o encontro que o escrevente projeta entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito. Como salientado pelo autor, os registros do primeiro eixo, que tendem à identificação falado/escrito, não representam um estágio primário de aquisição da escrita, mas um dos eixos pelo qual circula o escrevente em seu contínuo processo de escrita, retratado em suas produções textuais. Ademais, embora esses registros possam resultar em grafias que não seguem a convenção ortográfica, não é este o aspecto de maior relevância à análise, mas a representação que o escrevente faz da escrita, cuja apreensão é possibilitada por tais grafias. No que concerne a este trabalho, importam as grafias não con-

vencionais de vogais pretônicas. As escolhas³² de grafemas referentes às vogais – somadas à escolha lexical e a outros aspectos do texto – podem dar indícios do primeiro eixo de representação da escrita, sobretudo quando há referências às práticas orais/faladas.

Quanto aos tipos das mencionadas grafias não convencionais, encontramos indícios da *gênese da escrita*, tanto em escolhas que levam à *transcrição fonética* quanto nas escolhas que levam à *hipercorreção*. Definem-se, no Capítulo 1, as *transcrições fonéticas* como caracterizadas pela grafia de <i> em casos nos quais a ortografia prevê <e> e pela grafia de <u> em outros em que a ortografia prevê <o>. Tais escolhas indiciam o reconhecimento do princípio acrofônico do alfabeto, segundo o qual o nome das letras indicaria o som que representam na escrita. Esse reconhecimento da relação que a escrita estabelece com aspectos fonético-fonológicos da língua revela indícios de uma suposição da escrita como “representação fiel do oral/falado no letrado/escrito, uma vez que, ao projetar um material significativo (o fônico) no outro (o gráfico), ele tende a identificar as duas modalidades” (Corrêa, 2004, p.83). Esse impulso inicial, baseado nessa representação, identificado nas grafias não convencionais por *transcrições fonéticas*, é corroborado por outras escolhas dos escreventes, também guiadas pela representação da *gênese da escrita*. Ou seja, de modo genérico, as grafias de *transcrição fonética*, em si, já dão indícios desse eixo de representação da escrita. Contudo, nota-se em alguns textos que tal representação da escrita nessas grafias não convencionais aparece de modo não aleatório e é corroborada por outros aspectos do texto. Como registros do

32 A menção à “escolha” do escrevente refere-se estritamente à escolha que opera entre os grafemas da língua, entre <e, i> ou entre <o, u>, e não a uma opção consciente que teria por finalidade provocar sentidos no texto.

primeiro eixo, somam-se às *transcrições fonéticas* algumas grafias não convencionais por *hipercorreção* que parecem sugerir, também, indícios desse eixo de representação da escrita, evidenciados pela escolha lexical em que ocorrem.

Guiados pela metodologia expressa pelo paradigma indiciário (apresentado no Capítulo 2), encontramos marcas da não aleatoriedade em alguns dos textos em que há grafias não convencionais de vogais pretônicas. Esses indícios mostraram que a escolha de grafemas de vogais poderia servir à construção de diferentes sentidos do texto. Quanto ao modo como esses sentidos são construídos, notamos o papel preponderante de certas escolhas lexicais, que denotam: a) índice – quando a significação lexical poderia ser corroborada pela escolha de <i, u> –; e b) *ênfase* – quando determinados vocábulos são enfatizados pela escolha da vogal. Em outros casos, porém, é o contexto que parece privilegiar a representação da *gênese da escrita*, e o que se nota em grafias não convencionais que produzem: a) um *ineditismo*, quando o escrevente se constrói como autônomo na criação do próprio texto, a partir de uma relativa fuga ao proposto; b) uma *mimese* – quando há tentativa de imitação da voz pela escolha de <i, u>, notada em trechos de falas de personagem, por discurso direto ou indireto.

Como forma de melhor expor o encontrado, passamos à análise de alguns textos em que há pistas da complexa trama com que se tecem as representações de escrita, demonstrando uma não aleatoriedade do emprego de algumas grafias não convencionais de vogais pretônicas.

Iniciamos a análise observando a relação entre a *gênese da escrita* e o índice. Em alguns textos, nota-se que a escolha do grafema de vogal, que resulta em grafia não convencional por *transcrição fonética*, pode estabelecer uma relação de índice com o “objeto” representado pela palavra. Nomear de

“índice” esse aspecto gerado pela grafia não convencional de vogais pretônicas foi uma escolha baseada em Peirce (2005), precursor da semiótica, para quem “signo, ou *representámen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. [...] O signo representa alguma coisa, seu objeto” (p.46).

De acordo com essa consideração, o mesmo autor tece uma longa discussão a respeito da divisão dos signos, bem como da relação que mantêm com os “objetos” representados. Sobre esta relação,

todo signo tem, real ou virtualmente, um *preceito* de explicação segundo o qual ele deve ser entendido como uma espécie de emanção, por assim dizer, de seu objeto. (p.46)

Peirce passa, então, a discutir os modos como se apresenta essa emanção do signo em relação a seu objeto. Dentre as diferentes categorias e subcategorias apresentadas por ele, está ligado ao modo como as grafias não convencionais se relacionam com o objeto representado, o *índice*, que

é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse objeto. [...] À medida que o índice é afetado pelo objeto, tem ele necessariamente alguma qualidade em comum com o objeto e é com respeito a estas qualidades que ele se refere ao objeto. (p.52)

A análise de certos empregos não convencionais dos grafemas <i, u> indicam que essa escolha poderia ser interpretada como uma aproximação entre o signo linguístico e o objeto representado. Conforme aponta Peirce, a relação

de índice se dá quando o signo tem alguma qualidade em comum com o objeto representado. No caso da grafia das vogais, essa qualidade comum se dá com base no aspecto fonético gerado pela escolha de grafema, que pode corroborar o sentido construído no texto ao estabelecer relação de semelhança com o objeto representado. Como primeiro exemplo de grafia não convencional como evidência de índice, selecionamos um texto da atividade 2, que teve como temática a autobiografia, a ser escrita a partir de um cordel.

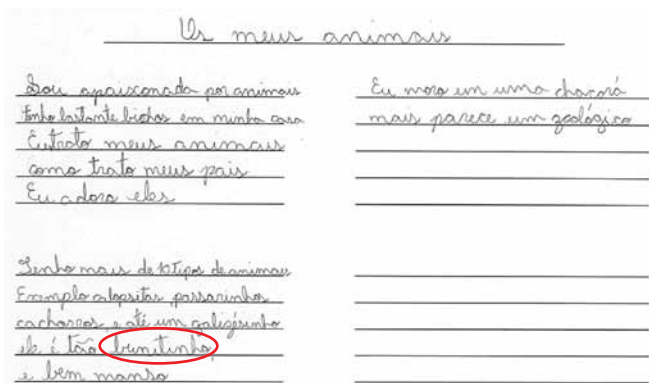


Figura 4.1 Fonte 5B_21_02. Arquivo pessoal

Na Figura 4.1, nota-se uma construção, pelo escrevente, de sua afetividade com os animais, evidenciada pelo uso do possessivo “meus”. Essa afetividade, indicada pelo título, é desenvolvida no decorrer do texto e define a relação dele com os animais como semelhante à que estabelece com os pais. Feita essa demarcação, a escrevente enumera seus animais – “tenho mais de dez tipos de animais/exemplo calopitas, passarinhos/ cachorros” – e, então, destaca um deles,

um galisé,³³ a quem chama de “galizésinho”. Conforme se observa, o nome do animal aparece no diminutivo, seguido de uma sentença que o adjetiva – “ele é tão bunitinho”. Basílio (1989) já apontava para o fato de o acréscimo de sufixo de grau tratar de um processo morfológico a serviço da função expressiva da linguagem. Emilio (2003) mostrou que o diminutivo em “-inho” pode ser considerado sob três possibilidades de uso: “a) dimensão pura; b) dimensão e expressividade; c) expressividade pura” (p.12). Assim, a escolha pelo diminutivo em “bunitinho” pode fazer referência à dimensão do animal – de porte pequeno – e à expressividade da relação da escrevente com o animal – relação de afetividade. Nesse contexto, o grafema <u> usado fora da convenção ortográfica, concordaria com os efeitos de sentido produzidos pelo sufixo, visto que a realização fonética de [u] sugere pequena abertura labial. Haveria, portanto, uma relação de *índice* estabelecida entre o som produzido em [u] – com abertura labial pequena, menor em relação a [o] – e o objeto representado – um galo de porte pequeno, com quem a escrevente estabelece certa relação de afetividade. Entende-se, pois, que a escolha por <u> corroboraria com os sentidos construídos nos níveis morfológico – pelo uso do sufixo –, sintático – pelo advérbio “tão” – e semântico – no sentido construído na oração “ele é tão bunitinho”.

Outro exemplo em que a escolha do grafema poderia estabelecer relação de *índice* com “o objeto representado”

33 De acordo com *Houaiss* (versão monousuário 3.0, jun. 2009), “galisé” é uma das variantes de “garnisé”, que se refere a “galináceo de porte *muito pequeno*, pertencente a diversas raças, cujos primeiros casais trazidos para o Brasil vieram da ilha Guernsey, na Grã-Bretanha” (grifo nosso).

se refere ao emprego não convencional de <i>, no texto da Figura 4.2, mais a frente, escrito por ocasião da quinta proposta, cujo exórdio é formado por uma descrição do planeta Terra por um extraterrestre retirada do livro *Este admirável mundo louco*, de Ruth Rocha. Os escreventes receberam uma folha com um trecho do livro e outra, em que deveriam produzir o texto, com a seguinte proposição:

- Imagine que você é um astronauta que foi mandado a algum planeta do Sistema Solar. Quando você chegou lá, encontrou alguns habitantes daquele planeta estranho.
- Da mesma maneira que o extraterrestre descreveu o planeta Terra, escreva uma narrativa, em que você seja o personagem principal, contando como era o planeta e os habitantes.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Ele não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título ao texto.

Conforme se observa, a temática era o olhar de um terrestre para outro planeta e tinha como proposição a narrativa de uma viagem para um mundo desconhecido. No texto da Figura 4.2, há diversas grafias não convencionais de vogais, como “fuguede” (duas vezes), “piqueninha” e “interessante”. Com relação ao emprego do grafema como índice, destaca-se a grafia “piqueninha”. No texto, o escrevente, conforme solicitado pela proposta, descreve o planeta – “o planeta deles era muito estranho as casas era em vorma de bola” – e seus habitantes – “um ete verde azul rosa de todas as cores eles tinha quatro olho doas boca o nariz eu não vi”.

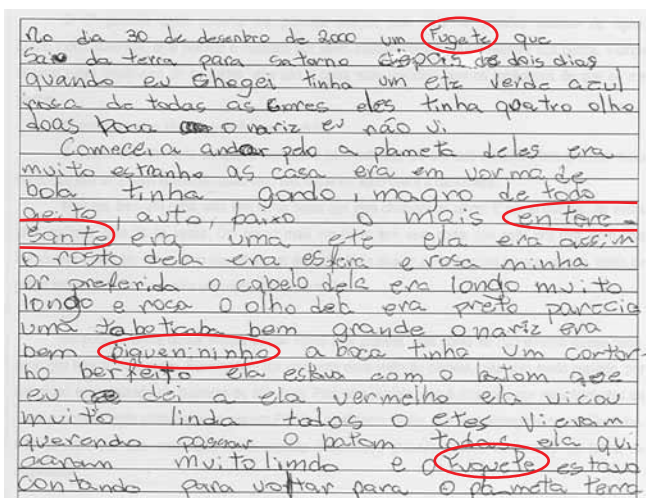


Figura 4.2 Fonte 5C_19_05. Arquivo pessoal

Boa parte do texto é dedicada à descrição dos habitantes, conforme se observa. Dentre os habitantes descritos, destaca-se um – “o mais interessante³⁴ era uma ete” –, em cuja descrição há a grafia de “piqueninha”. De modo semelhante ao observado para a grafia de “bunitinho”, a escolha de <i> em “piqueninha” poderia corroborar os sentidos construídos no nível morfossintático, pelo sufixo “-inho” e pelo advérbio “bem”. O sufixo “-inho”, neste caso, refere-se somente à dimensão, e não à expressividade, como no exemplo anterior. O sufixo e o advérbio – que intensifica o sentido do sufixo – contribuem para a projeção de tamanho reduzido do nariz do habitante do planeta imaginado. Como registro da representação da *gênese da*

34 Esta grafia é analisada na seção “As grafias não convencionais como registros do código escrito institucionalizado”, em que tratamos do efeito de ênfase, gerado por certas grafias não convencionais por *hipercorreção*.

escrita, a escolha pelo grafema <i> poderia ser um índice do gesto articulatório na realização fonética de [i], de modo semelhante à escolha de <u> em “bunitinho”. Na realização fonética de [i], há também pequena abertura da boca, que é menor em relação à que ocorre em [e]. Assim, a escolha por <i> – que mantém relação com [i] – poderia estabelecer uma ligação de índice com o nariz, de tamanho pequeno, potencializando o sentido construído em “o nariz era bem piquenininho”.

Outra característica de algumas grafias em que são evidenciados registros da *gênese da escrita* é a escolha do grafema da vogal pretônica decorrer de uma tentativa de registro escrito de ênfase. Na fala, a ênfase se manifesta, por exemplo, por meio de contornos entoacionais, enquanto na escrita costuma ser evidenciada pelas escolhas lexicais e pelos sinais de pontuação, entre outras coisas. Neste trabalho, consideramos a ênfase evidenciada pela realização de segmentos das palavras – de modo mais específico, na realização das vogais pretônicas – tomando por base as considerações de Gonçalves (1998) a respeito da ação inibidora da ênfase em processos linguísticos. Segundo o autor, “a atuação da ênfase prosódica é realmente relevante em fenômenos de variação linguística, haja vista o fato de vocábulos enfatizados na fala tenderem a constituir ‘freios’ à ação dos processos, inibindo, portanto, as inovações” (p.79). Com base nessa afirmação, levantamos a hipótese de que a ênfase poderia ser, também, uma forma de inibir a aplicação do *alçamento*, que pode ocorrer com as vogais pretônicas. De acordo com esta consideração, por hipótese, palavras que costumam sofrer o *alçamento*, como o verbo “podia”, não o sofreriam se fossem pronunciadas de modo enfático. No Capítulo 3, mostramos que as grafias de *hipercorreção*

mantêm relação com o fenômeno de alçamento, à medida que podem ser resultado da interpretação de [i] e [u], não como realização de /i/ e /u/, mas como realização de /e/ e /o/ alçados. Nesse sentido, a grafia de “interessante” pode ser decorrente da interpretação do [i] pretônico, como um /e/ alçado. Assim, a grafia de <e> decorreria do reconhecimento de que o alçamento torna a relação entre letras e sons não biunívocas entre as vogais em posição pretônica. Tal como a ênfase inibiria o alçamento de /e/ em “engenheiro” – que em geral é realizado como “[i]ngenheiro” –, em “interessante”, a grafia de <e> representaria a ênfase e a inibição do alçamento, segundo a interpretação, pelo escrevente, do fone [i] como realização da vogal /e/ alçada.

Com relação às formas de manifestação da ênfase, Gonçalves (1998, p.81), baseando-se em Gonçalves e Costa (1996 apud Gonçalves, 1998), apresenta três subtipos:

- a) textual e prosódica, explicitada por meio de um advérbio focal, com marcação prosódica redundante;
- b) a prosódica, caracterizada pela elipse do advérbio;
- e c) a de vocábulos naturalmente enfáticos, que, por si sós, já exprimem intensificação.

No que concerne aos dados de escrita, selecionamos as ênfases dos subtipos (a) e (c) por se manifestarem mediante vocábulos cujos registros escritos nos interessa verificar.

As grafias não convencionais chamadas de *hipercorreção*, em princípio, são tratadas como registros do *código escrito institucionalizado*, conforme será exposto no tópico “As grafias não convencionais como registros do código escrito institucionalizado”. A proposta de análise dessas grafias como registro da *gênese da escrita* não pretende excluir sua

relação com o *código escrito institucionalizado*, mas focar um aspecto da *gênese da escrita* que pode ser notado por meio dessas grafias, de início tratadas como *hipercorreção*, tomadas como tentativa de registro de ênfase. Nesse sentido, considera-se que essas escolhas de grafema em palavras que veiculam ênfase a pontos do texto, ao mesmo tempo que registrariam o eixo do imaginário da escrita como código institucionalizado – considerada a percepção da não biunivocidade entre grafemas e fonemas (cf. seção “As grafias não convencionais como registros do código escrito institucionalizado”) –, assinalariam o eixo da *gênese da escrita*, à medida que a tentativa de registro da entonação enfática seria pista de uma representação da escrita “como instrumento de gravação fiel da memória sonora do falado” (Corrêa, 2004, p.81).

Considerando as características da ênfase e o modo como esta pode ser representada pela escolha de grafemas, retomamos o texto da Figura 4.2 (p.87), na qual há a grafia de “interessante”. A grafia de <e> poderia ser tomada como uma tentativa de registro de ênfase, conforme explicitado. Esta escolha reforçaria o destaque feito pelo escrevente, por exemplo, do advérbio “mais” – “o mais interessante era uma ete”, caracterizando uma ênfase do subtipo (a), visto que se marca textualmente pelo advérbio e prosodicamente, por hipótese, pela grafia de <e>.

Em textos do *corpus*, encontram-se também grafias inicialmente tratadas como *hipercorreção* que poderiam ser tomadas como registros de ênfase do subtipo (c), por envolver “vocábulos naturalmente enfáticos” (Gonçalves e Costa, 1996, apud Gonçalves, 1998, p.81), como “maravilhosa”, no texto da Figura 4.3.

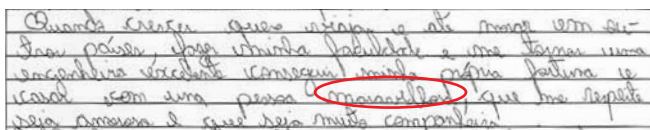


Figura 4.3 Fonte 5C_23_03. Arquivo pessoal

O trecho da Figura 4.3 é extraído de um dos textos da atividade 3, cuja temática versava sobre pedidos individuais a ser feitos a um poço dos desejos. Como sugerido pelo enunciado da atividade, o escrevente expõe, em seu texto, “que objetos gostaria de comprar, que lugares gostaria de conhecer, que profissão você pretende exercer”. Quando apresenta seus planos para a vida matrimonial, destaca as características que deseja encontrar em seu companheiro, identificado como “uma pessoa maravilhosa”, definido por orações adjetivas restritivas – “que me respeite seja amorosa e que seja muito companheira”. Entende-se que o adjetivo “maravilhosa” pode portar entonação enfática, caracterizando, portanto, uma ênfase do tipo (c). Essa ênfase, marcada pela grafia de <e>, parece, pois, ser reforçada textualmente pelas orações que a seguem e que especificam o significado de “maravilhosa”.³⁵

O terceiro viés sob o qual analisamos a *gênese da escrita* está relacionado a seu aspecto de ineditismo. Corrêa (2004) observou, nos textos dos vestibulandos, que muitas vezes “a escolha lexical denuncia uma retomada de relações sociais tipicamente informais do escrevente, que, no entanto, lhe parecem as mais adequadas ao estabelecimento

35 Retoma-se, também, o fato de vogais altas /i, u/ serem pronunciadas como média-altas /e, o/ por personagens homossexuais estereotipadas em programas televisivos de humor. Agradecemos pela lembrança deste fato à profa. dra. Fabiana Komesu (Unesp).

de relações com o interlocutor representado no texto” e que esse seria “um modo de abordá-lo [o tema] que parece ser ‘muito próximo do seu mundo’” (Corrêa, 2004, p.129). Nos dados investigados, certos usos das grafias não convencionais parecem ser decorrentes desse modo de aproximar a escrita do mundo dos escreventes, ao mesmo tempo que revela como estabelecem suas relações com o interlocutor – representado pelas imagens que têm da escola, do professor, do pesquisador, da instituição universitária. Alguns usos das grafias não convencionais podem servir como forma de projetar a imagem do enunciador-escrevente como autônomo em sua escrita, ao responder ao que é pedido na atividade (pela escola, pelo professor, pelo pesquisador, pela universidade) ou, até mesmo, em resposta ao que é prescrito pela convenção ortográfica. Corrêa (2004), ao comentar a respeito desse exercício de *réplica* pelos escreventes pré-universitários, pontua o fato de certas escolhas fazerem a mediação entre “o lugar que o escrevente se atribui e o que atribui a seu interlocutor, bem como entre o lugar que atribui ao institucionalizado para a escrita e o lugar que atribui à própria escrita” (p.83). Considera-se, pois, que as grafias não convencionais das vogais, quando tomadas como registros da *gênese da escrita*, possibilitam a apreensão deste lugar que o escrevente se atribui, daquele que ele atribui ao interlocutor, bem como daquele que ele atribui ao institucionalizado para sua escrita.

No processo de enunciação escrita, o escrevente transita entre diferentes representações do interlocutor e do institucionalizado para sua escrita. Essas representações, algumas vezes, são identificadas em diferentes momentos de seu texto – por exemplo, quando se observa maior ou menor preocupação em cumprir a proposta de produção

textual. Os dados a que chamamos de *ineditismo* se referem às grafias não convencionais encontradas em trechos em que o sujeito se reserva certa autonomia, ao assumir a posição de escrevente, apresentando naquilo que escreve algo que não estava compreendido pela proposição. Conforme comenta Corrêa (2004), “raramente a reprodução do modelo escolar é tão radical a ponto de não se poder vislumbrar um traço de *ineditismo* nas formas de individuação do escrevente”. Aspectos desse traço podem, pois, ser evidenciados tanto pelo conteúdo semântico – por descumprimento da temática e da proposição – quanto pelos sinais de pontuação.

Sobre os indícios desse trânsito deixados pelos sinais de pontuação, recorreremos a Chacon (1996), que afirma que “mais que propriamente delimitar enunciados, os sinais de pontuação caracterizam o próprio processo no qual se dá a atividade enunciativa” (p.180). Nos dados investigados, esses sinais, junto com as grafias não convencionais de vogais, dão pistas do deslocamento pelo qual passa o escrevente no decorrer de sua atividade escrita, bem como dos lugares que atribui a seu interlocutor. Ao conceber os sinais de pontuação como indicadores desse papel, tomamos, ainda, as afirmações de Chacon (1996).

Enquanto marcas gráficas da conversão da linguagem em discurso, os sinais de pontuação terão papel de destaque na organização rítmica da produção escrita, já que atuam nos vários planos dessa organização, desde aqueles mais restritos à delimitação de unidades linguísticas do produto enunciado até aqueles que *contribuem para a constituição do sujeito escrevente relativamente a outro construído como seu interlocutor-leitor*, à medida que o escrevente, ao sinalizar seu texto para o leitor, constitui-se em função deste último, indicando-lhe, através dos

sinais, seus propósitos comunicativos, ou, em termos mais precisos, uma forma preferencial de leitura. (p.174, grifos nossos)

No caso dos dados investigados, ressaltamos as marcas de pontuação que evidenciam a separação de momentos em que o escrevente se submete à proposição e em que se reserva certa autonomia na estruturação de sua redação – seleção de conteúdos, de léxico ou de grafema. Nessas demarcações, o escrevente acaba por estabelecer-se em relação a seu interlocutor-leitor, posição ocupada pela escola ou pela universidade, que legitimariam sua produção. Em certos textos, há coincidência entre esse uso da pontuação e as grafias não convencionais por *transcrição fonética* que, somados, constituem fortes indícios da representação da *gênese da escrita*. Um exemplo desse tipo de relação construída pelo escrevente é o texto da Figura 4.3, baseado na proposta 3, na qual a temática se concentra em pedidos individuais a um poço dos desejos, com exórdio formado por uma tirinha da Turma da Mônica, em que há um desenho de um poço por onde passam as personagens Mônica, Cebolinha e Magali. As duas primeiras fazem um pedido e jogam uma moeda. Magali, no entanto, que aparece no último dos três quadrinhos, pega as moedas do poço para realizar seu desejo: comprar doces. Na proposição, é solicitado aos escreventes que *produzam um texto*, contando o que pediriam a um poço dos desejos e quais seriam seus desejos para o futuro. No texto a seguir (Figura 4.4), observamos que o escrevente faz exatamente o que foi pedido pela proposta, mas, ao fim do texto, acrescenta algo pessoal.

Desejos! Tenho muitos! Vou contar alguns!

O meu maior desejo é um mundo que nunca se cansa de se-
 quando le' que tudo se bem acontece para mim! O meu desejo
 é que se seja amigo da vida e nunca de mundo! Que seja
 que se tivesse a vida para mim, que se fosse com em história! Que
 não ficasse de castigo! Não perca-se de fazer e ser não de casti-
 do! Não se a qualquer coisa! Sou muitos amigos e amigos!
 Sou aquele que não se cansa, não tenho amigos e que eu não
 bague mais com ela! ~~Sou~~ Sou eu mesmo feliz! Não
 se cansa de viver a vida! Não se cansa de viver a vida!
 Não se cansa de viver a vida! Não se cansa de viver a vida!
 Não se cansa de viver a vida! Não se cansa de viver a vida!
 Não se cansa de viver a vida! Não se cansa de viver a vida!
 Não se cansa de viver a vida! Não se cansa de viver a vida!
 Não se cansa de viver a vida! Não se cansa de viver a vida!

Desejos muitos não poderei mais quando o mundo
 ficarem muitos filizes sem o que se sente que aquilo de se
 quando se vive não um desejo por um engenho genético!

Figura 4.4 Fonte 5A_28_38. Arquivo pessoal

Como é possível observar, a divisão em parágrafos denuncia ao menos três momentos para o texto. No primeiro, há uma apresentação do escrevente ao texto – “Desejos! Tenho muitos! Vou contar alguns”. No segundo, há a exposição de seus desejos, que circulam, basicamente, em torno de suas relações interpessoais. No terceiro momento, o escrevente acrescenta uma reflexão a seu texto, sobre o ato de “sonhar”, de “desejar” e de suas consequências, quando realizado ou não. Observa-se, pois, que tal reflexão não estava compreendida pela proposição, o que demonstra certa autonomia do escrevente em relação à escrita de seu próprio texto. Nesse parágrafo, há uma grafia não convencional – a única –, na palavra “filizes”, que flutua com “feliz”, localizada na metade do texto. Por hipótese, essa relação entre a grafia da palavra e sua realização fonética, sinalizada pelo emprego não convencional do grafema <i>, seria, pois, conforme apontado

por Corrêa (2004), um modo de o escrevente abordar o tema da atividade aproximando-o de seu mundo, da (sua) fala, de si mesmo. Nota-se que a pontuação evidencia momentos do texto para o cumprimento da atividade e outros para marcar o ineditismo, à medida que realiza algo que não estava previsto pelo enunciado da proposta. Soma-se a essa evidência deixada pela pontuação o fato de o sujeito, no cumprimento da atividade, escrever “feliz” e não grafar outras palavras em desacordo com a convenção ortográfica, enquanto, ao fazer uma reflexão que não havia sido pedida, utiliza o grafema <i> de modo não convencional, em “filizes”.³⁶

Podemos observar essa relação em outro texto do *corpus*, também produzido de acordo com a atividade 3, que propunha aos escreventes tratar de seus sonhos. No enunciado, eles encontravam sugestões de temas que poderiam abordar: “[...] produza um texto contando seus maiores sonhos: *que objetos gostaria de comprar, que lugares gostaria de conhecer, que profissão você pretende exercer etc*” (grifos nossos). Em vários dos textos, os desejos se restringem aos assuntos sugeridos pelo enunciado, sempre relacionados a certa ascensão social, como ter carro importado, casa magnífica, emprego importante etc. No entanto, observamos que, em alguns outros textos, os escreventes não se limitam ao proposto pela atividade e acrescentam sonhos de outra natureza, como podemos observar no texto a seguir, Figura 4.5.

36 Esta palavra não teve realização de alçamento nos dados analisados por Silveira (2008).

Muito desejo

Eu gostaria de viajar pra Sander, gostaria também de ter
 bastante dinheiro para ir pra onde eu quiser.
 Eu queria ter um carro e uma casa nova e morar no
 Alameda, gostaria de ter 2 filhos, Gostaria de estudar na
 escola São José, Gostaria de ter um nomeado brenita e
 rica de mais, queria ter um piriquito Gostaria de
 falar varias linguas diferentes, Gostaria de ficar em um
 fopa por um mês inteiro, gostaria de ter a meu cabelo
 lizo sem fazer chapinha, gostaria de ter a minha pele
 igual a de um bebê, e não gostaria de beber e nem de
 fumar.

Figura 4.5. Fonte 5C_27_03. Arquivo pessoal

No texto da Figura 4.5, o escrevente lista vários desejos que sugerem ascensão social, conforme o proposto no enunciado da atividade, como “ter um carro e uma casa nova”. Observa-se, pois, que, na pontuação, o escrevente parece enumerar seus desejos, marcando-os pelo ponto final. O uso do ponto sinaliza uma possível demarcação de “tipos” de desejos, de modo que, em determinados períodos, o escrevente apresenta apenas um – “gostaria de falar várias línguas diferentes” –, enquanto em outros há uma somatória de desejos que poderiam ser considerados do mesmo tipo – “queria ter um carro e uma casa nova e morar no Dama”.³⁷ Há ainda um que parece destoar daqueles relativos ao consumo – “queria ter um piriquito” – e é justamente ao buscar trazer algo seu, sem depender da proposta de produção textual, que o escrevente produz uma grafia não convencional de vogal pretônica em “piriquito”.

Textos decorrentes de outras propostas podem, também, dar indícios desses traços de ineditismo do escrevente. Um exemplo é um texto da atividade 4, ao solicitar a

37 “Damha” (grafado “Dama”) é o nome de um condomínio residencial em bairro nobre da cidade onde o escrevente reside.

redação de uma carta que versasse sobre o uso do MSN.³⁸ Muitos escreventes obedeceram à proposta; no entanto, encontramos textos em que eles foram além, como mostra a Figura 4.6.

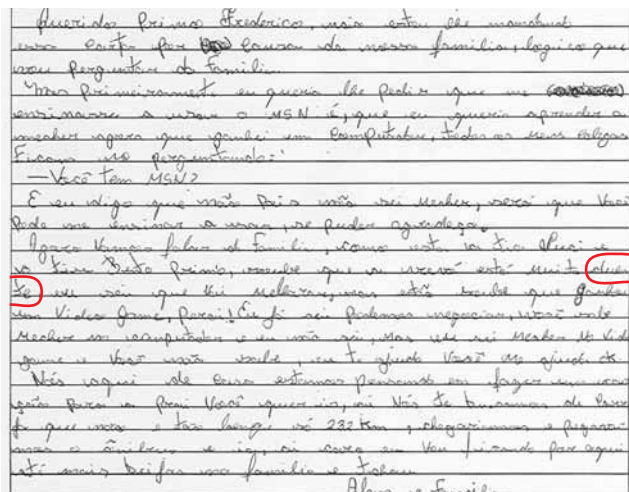


Figura 4.6 Fonte 5C_01_04. Arquivo pessoal

Na introdução da carta, o escrevente já marca o lugar que atribui ao interlocutor (a instituição escolar/universitária), bem como o que atribui a si próprio, no trecho “não estou escrevendo essa carta por causa da nossa família [mas] lógico que vou perguntar da família”. Ao se constituir como

38 “MSN Messenger é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O serviço nasceu em 22 de julho de 1999, anunciando permitir a comunicação com uma pessoa através de conversas instantâneas pela internet. O programa permite que um usuário da internet se relacione com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos ‘virtuais’ e acompanhar quando eles entram e saem da rede.” Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger>. Acesso em: 17 abr. 2011.

escrevente, o sujeito entende ter autonomia para acrescentar algo “seu” ao texto. No entanto, por se tratar de produção escrita realizada em âmbito escolar – que parte de proposta específica e que sugere avaliação –, nessa declaração inicial mantém-se em relação ao que foi pedido, como réplica antecipada ao interlocutor real. Quando acrescenta algo “seu” ao texto, aproximando a (sua) escrita de (seu) mundo, tratando da família, aproxima, também, a (sua) escrita da (sua) fala, pela grafia de “duente”. No entanto, no momento em que cumpre o pedido da atividade, ao solicitar ao primo que o ensine a usar MSN, o escrevente grafa todas as palavras de acordo com a convenção. Observa-se, portanto, relação entre a realização da atividade (cumprimento ou não do que foi pedido) e as grafias não convencionais de vogais pretônicas. Mais uma vez, a pontuação parece evidenciar esses diferentes momentos do texto, indicados pela divisão em parágrafos: primeiro, introdução; do segundo ao quarto, cumprimento da proposta; quinto e sexto, acréscimo pessoal ao texto. No quinto, porém, parece haver uma mescla entre o conteúdo acrescentado e o cumprimento da proposta: “Eu já sei podemos negociar, você sabe mexer no computador e eu não sei, mas eu sei mexer no vídeo game e você não sabe, eu te ajudo você me ajuda, ok.”.

O quarto e último viés por meio do qual analisamos a *gênese da escrita* é relacionado à mimese. Chamamos de *mimese* – imitação da voz – os dados em que a *transcrição fonética* surge em discurso de personagens. Na caracterização desse discurso, optou-se por considerar as grafias não convencionais no interior de discurso direto e indireto. Conforme se encontra em Neves (2000), o discurso direto é uma citação direta do que se diz, enquanto o indireto caracteriza-se por uma paráfrase do discurso de

outrem. Ambos os tipos são introduzidos por verbos de elocução, que são: a) os verbos de dizer (ou *dicendi*), “cujo complemento direto é o conteúdo do que se diz” (idem, p.48), como “dizer” e “falar”; b) outros verbos introdutórios de discurso, que não se referem, necessariamente, a atos de fala, instrumentalizando – como “acalmar” e “consolar” – ou circunstanciando – como “chorar” e “espantar-se” – o que se diz. Certas grafias não convencionais foram encontradas na fala de personagem, por discurso direto ou indireto, podendo ser consideradas como tentativa de registro do ato verbal-oral, por meio da escolha de grafema. Resultados semelhantes foram mostrados por Silva (1991), para dados de escrita de crianças, e por Tenani (2004), para dados de escrita de jovens e adultos, na análise das hipossegmentações de palavras, que ocorriam, diversas vezes, em contexto de discurso direto. Na análise dos dados deste trabalho, algumas das grafias não convencionais investigadas parecem corroborar o sentido dos discursos direto e indireto, almejando o registro de gestos articulatórios da oralidade, relativos à fala dos personagens, na grafia das vogais. Por se tratar da fala de personagens, as propostas de escrita de narrativa tiveram maior número de grafias desse tipo, como exemplifica o texto a seguir (Figura 4.7), decorrente da proposta 1, de dar continuidade à história das personagens apresentadas em uma tirinha.

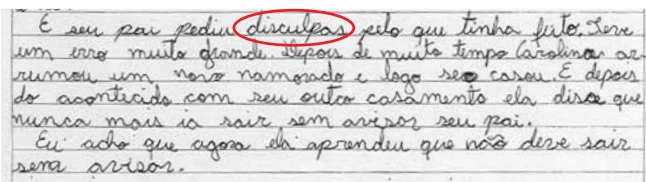


Figura 4.7 Fonte 5B_21_01. Arquivo pessoal

Na Figura 4.7, o escrevente grafia <i>, quando na ortografia é previsto <e> na sílaba pretônica de “disculpas”. Como se observa, trata-se de um discurso indireto, à medida que há referência a uma fala da personagem “pai”, cuja introdução se dá por um verbo de dizer “pediu”. Dadas essas características, entende-se que essa ocorrência seja, por representação da *gênese da escrita*, uma tentativa de registro de realização do ato de fala, pela escolha do grafema, dada a grande recorrência de alçamento da vogal pretônica nesta palavra.

Outro exemplo de grafia não convencional encontra-se no texto a seguir, no qual o sentido de discurso direto aparece corroborado pela grafia de <i> em “infrentarei”.

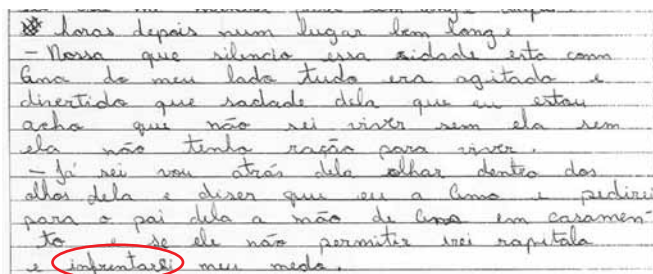


Figura 4.8 Fonte 5C_14_01. Arquivo pessoal

No texto da Figura 4.8, não há a introdução de discurso por verbo de elocução, mas o escrevente se vale do recurso do travessão. Além disso, as referências pronominais – “eu a amo” e “meu medo” – também dão indicação de se tratar de discurso direto, introduzido por um narrador – “horas depois num lugar bem longe”. As características das duas falas introduzidas por travessão parecem indicar uma longa fala de um único personagem, embora o escrevente a divida em duas. Na segunda parte, encontra-se a grafia de

“infrentarei”, que, ao registrar uma possível realização da vogal pretônica alçada, corroboraria o sentido de discurso direto pretendido, a partir de uma representação da *gênese da escrita*.

Ambos os exemplos foram extraídos de textos decorrentes da primeira proposta, que se tratava da escrita de uma narrativa. No entanto, há outros dados, encontrados em outras propostas, que dão indícios dessa característica de discurso direto. A Figura 4.9 refere-se a um texto escrito no âmbito da proposta 4, já apresentada, de escrita de uma carta, sugerindo o MSN como meio de comunicação e pedindo ou fornecendo orientação para seu uso. No texto, o escrevente não segue a proposta da atividade inteiramente, pois, apesar de utilizar o formato de carta, foge à proposição e à temática – nem mesmo menciona o uso do programa.

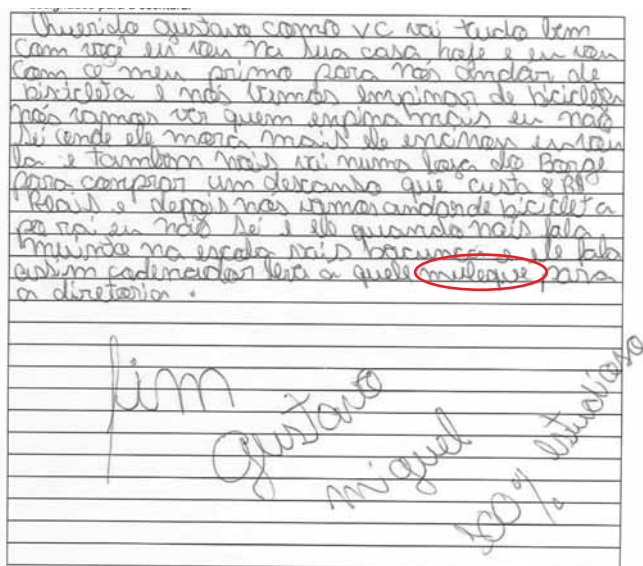


Figura 4.9 Fonte 5A_15_04. Arquivo pessoal

É possível notar uma “quebra” no texto, separando-o em duas partes. Na primeira, o escrevente descreve seus planos para o dia, utilizando-se de perífrases verbais indicativas de futuro, como “vamos empinar pipa”, “vamos andar de bicicleta”. Na segunda, parece narrar situações recorrentes na escola, utilizando-se de verbos no presente, como “nois fala muito na escola”. Nessa segunda parte do texto, mudam as formas de construção dos períodos e as escolhas lexicais, além de diminuírem as concordâncias verbais e nominais. Neste momento de mudança do sentido do texto, há a grafia não convencional que sugere, ao menos, duas interpretações. A primeira, à semelhança do apontado nos exemplos anteriores, refere-se à marcação da “fala” do professor – “leva esse muleque pra diretoria” – como forma de registro de características do falado no gráfico. Uma segunda interpretação, que se soma à primeira, refere-se à forma de se marcar na (sua) escrita, reforçando sua imagem construída, como alguém que não segue o bom comportamento esperado pela instituição escolar – “nois fala muito na escola vais [faz] bagunça”. Esta imagem aparece ainda reforçada pela transgressão à atividade proposta, pela escolha lexical não legitimada, visto que não é convencional, em textos desta natureza, o uso da palavra “muleque” (“moleque”), e pela despedida, que não segue os espaços das linhas, finalizando o texto com “Gustavo Miguel/100% estudioso”.

As grafias não convencionais como registros do código escrito institucionalizado

Mostramos nesta seção como as grafias não convencionais de vogais pretônicas podem evidenciar o encontro

elaborado pelo escrevente entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito. À luz da noção de heterogeneidade da escrita (Corrêa, 2004), investiga-se a representação do escrevente sobre o *código escrito institucionalizado*, por meio da qual

os encontros entre o oral/falado e o letrado/escrito evidenciam-se sempre que o escrevente *leva a extremos uma tal imagem sobre o institucionalizado para a (sua) escrita*, ou seja, esses encontros mostram-se pelo excesso, produzindo inconsistências formais (e estilísticas) em relação ao tipo de organização textual proposto. (Corrêa, 2004, p.166, grifos nossos)

Os extremos aos quais o escrevente leva essa imagem sobre o “institucionalizado para a (sua) escrita” nos dados de grafias não convencionais de vogais pretônicas são privilegiadamente visíveis nas *hipercorreções*, que, neste trabalho, caracterizam-se pela grafia de <e> em casos em que a ortografia prevê <i> e de <o> naqueles em que a ortografia prevê <u>. Essas escolhas não são resultado de simples generalização de uma regra, conforme se costuma considerar, mas indiciam o reconhecimento de certas relações não biunívocas entre grafemas e fonemas, ou seja, de que a grafia de certas palavras não deve se pautar apenas pelo princípio acrofônico do alfabeto. As escolhas de grafemas referentes às vogais – somadas à escolha lexical e a outros aspectos do texto – podem dar indícios do segundo eixo de representação da escrita, sobretudo quando há referências às práticas letradas/escritas.

As grafias por *hipercorreção*, no que tange à escrita das vogais, privilegiam essa relação com o *código escrito institucionalizado*, pois se definem pela tentativa de distancia-

mento entre letras e sons, como um esforço de apagamento do princípio acrofônico do alfabeto. Por essas características, dão indícios de uma representação da escrita como capaz de representar “inteiramente o oral/falado a ponto de não mais ser justificável reconhecê-lo nesse novo produto” (Corrêa, 2004, p.166). Ou seja, de modo geral, as grafias de *hipercorreção* são um traço da representação da escrita como autônoma em relação à oralidade. No entanto, nota-se em alguns textos que tal representação, vista nessas grafias não convencionais, aparece de modo não aleatório e é corroborada por outros aspectos – como certas escolhas lexicais em trechos específicos do texto. Guiados pela metodologia indiciária mencionada na seção “Procedimentos teórico-metodológicos”, apresentamos traços dessa não aleatoriedade de ocorrências de grafias não convencionais explicitando em que medida parecem ser orientadas por determinadas escolhas lexicais que denotam *valor*, estabelecido por uma institucionalização de valores sociais para cada palavra. Além disso, encontramos marcas de que algumas grafias não convencionais são orientadas por uma tentativa de *reprodução* de trechos tidos como modelo de determinados gêneros. Quanto a esta última orientação, embora também se dê em léxico específico, entendemos ser o caráter reprodutor que orientaria tanto a escolha lexical quanto a ocorrência de *hipercorreção*, e não, como acontece na outra orientação considerada, a própria escolha lexical que conduziria às grafias não convencionais.

Para demonstrar a hipótese levantada, passamos à análise de alguns dos textos de cada uma dessas orientações. A primeira delas diz respeito à relação entre o *código escrito institucionalizado* e a atribuição de valor social à escolha lexical. Conforme discutido no Capítulo 1, “a representação da escrita como *código escrito institucionalizado* reproduz

a dinâmica social de institucionalização de valores para as diversas formas linguísticas” (Corrêa, 2004, p.165). Algumas escolhas lexicais em que se dão *hipercorreções* parecem denunciar que o escrevente, ao tomar a escrita como pura, além de privilegiar os aspectos de não biunivocidade entre letra e som, identificado na escolha do grafema de vogal, parece selecionar léxicos que supostamente valorizariam seu texto, possibilitando, portanto, a ascensão social almejada.

O exemplo desse tipo de escolha é um texto redigido durante a realização da quarta proposta, já explicada no Capítulo 2. Para a execução dessa produção escrita, foram requeridos dos escreventes certos conhecimentos institucionalizados para a redação de uma carta, como a instrução sobre o cabeçalho e a despedida. No intuito de cumprir com a escrita institucionalizada, o escrevente do texto a seguir (Figura 4.10), além de cumprir com os requisitos, selecionou palavras que parecem ter sido guiadas por uma representação de “boa” escrita, embora possam ser inadequadas para o gênero pretendido.

O dia foi do Rio de Janeiro, 14 de outubro de 2008

Querida irmã Gabriella meça e sei que sei esta de pequena experiência nesse setor sem internet mas sei já experiências um computador com internet.

O seu programa para fazer um man para na carta cartão além da telefone.

O man é um programa onde se conversa com as pessoas convidadas se pode mandar foto, link, e muitas outras coisas.

Ja o skype é um programa onde se conversa os seus carada foto.

mas pequeno e to me manda uma carta.

Estou com saudade

Beijô ..

Figura 4.10 Fonte 5A_10_04. Arquivo pessoal

O formato de texto escolhido pelo escrevente parece decorrer daquilo que representa ser um modelo de carta. Lembramos que esse tipo de texto tem inegável vínculo com a escola, visto que a carta pessoal, conforme se apresenta na proposta, provavelmente não é o meio de comunicação recorrente ou preferencial no cotidiano desses escreventes, que devem optar pelo telefone ou pela internet, como se depreende do trecho (Figura 4.10) – “para nós termos contato *além do telefone*”. Quanto à representação do ideal de carta pessoal, notamos seus indícios no cabeçalho, composto por local e data, e a despedida – “Estou com saudades/Beijos” –, ambos sugeridos pelo monitor que coordenou a atividade. A inclusão do cabeçalho e a despedida, conforme sugestão prévia são, também, indícios da representação do ideal de carta, visto que seguem as ideias de quem, no momento da produção escrita, representava a instituição que legitimaria os textos.

Quanto ao dado de grafia não convencional que interessa à análise, destacamos a ocorrência “provedenciar”. A escolha desse item lexical parece advir de um imaginário da escrita como *código escrito institucionalizado*, gerada por um distanciamento de usos linguísticos coloquiais. Outras escolhas parecem indicar uma tentativa de distanciamento de usos coloquiais e de aproximação de uma escrita formal, ainda que se tratasse de uma carta pessoal – como empregar o nome completo do interlocutor, na função de vocativo. Identificam-se excessos decorrentes da busca por uma escrita formalizada – com *valor* social de prestígio –, que estariam em discordância com o que se espera de uma “carta pessoal”. Além de aspectos relacionados ao gênero, chamam a atenção cuidados com uma escrita tida pelo escrevente como culta, como a utilização do pronome relativo “onde” e o paralelismo sintático entre os dois períodos que

definem as funcionalidades dos programas da internet – “o X é um programa onde você Y”. Somam-se, ainda, às características apontadas, mais duas grafias não convencionais por *hipercorreção*, nas palavras “vevendo” e “premeiro”, que, além de se referirem a um apagamento da fala na escrita, parecem ter sido guiadas pelas mesmas preocupações. Sendo assim, a escolha de <e> em “provedenciar” parece corroborar as outras escolhas do escrevente feitas para valorizar socialmente seu texto, ao aproximá-lo de uma escrita imaginada como culta, evidenciando a representação da escrita como *código escrito institucionalizado*.

A segunda orientação analisada trata da relação entre o *código escrito institucionalizado* e seu aspecto de reprodução. Quando nos referimos ao caráter reprodutor de certas escolhas dos escreventes, reportamo-nos ao fato de a representação da escrita como *código escrito institucionalizado* projetar um modelo a ser repetido (Corrêa, 2004, p.172) – que também se relaciona, em certa medida, com a primeira orientação analisada. Na construção desse modelo, tem papel central o processo de escolarização que medeia o contato do escrevente com textos de diversas naturezas. Embora não devam ser desprezados os outros espaços pelos quais circula o escrevente e que, portanto, o constituem em sua relação com a escrita, o papel central da escola se estabelece à medida que é a instituição socialmente responsável pela alfabetização e pelo ensino da escrita.

Esse caráter reprodutor de um modelo de escrita foi notado em diversas passagens dos textos, em especial naquelas em que se encontravam as *hipercorreções*. A representação do *código escrito institucionalizado* como reprodução de uma escrita tida como modelo (legitimado pelas instituições às quais se encontram filiados) é registrada, nos dados obti-

dos, pela representação que se faz desse modelo. Sobre essa representação, Corrêa (2004) destaca

que o fator condicionante básico do aparecimento dessas representações é sempre o caráter de réplica – em geral, tentativa de adequar o texto ao que recomenda a prática escolar tradicional – [...] e não a sua relação com características tidas como absolutas da escrita em geral. (Corrêa, 2004, p.168)

Quanto à tentativa de adequar o texto ao que recomenda a prática escolar, destacamos as produções decorrentes da proposta 1, que são textos narrativos. Lembramos, pois, que essa é a tipologia textual³⁹ mais trabalhada na quinta série, de acordo com a Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Lembramos que a proposta 1, conforme observado no Quadro 2.1 (p.42), teve como exórdio uma tirinha que narrava a história de um casal que, ao fugir, é seguido pelo pai da personagem feminina. A temática envolveu o assunto do amor, tratado de forma humorística, e a proposição consistiu em narrar o destino das personagens apresentadas. Nos textos produzidos nessa atividade, houve, muitas vezes, os tradicionais finais de narrativas como “e viveram felizes para sempre”. Tal desfecho indica, por um lado, a inserção dos escreventes em práticas letradas/escritas que envolvem as narrativas infantis e, por outro, a tentativa de ascensão ao lugar estabelecido pela instituição, pela representação de uma escrita culta a ser reproduzida. Sejam ou não tais práticas mediadas pela escola, o escrevente parece almejar uma

39 Chamamos de “tipologia textual”, em concordância com a denominação dada pela Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008).

escrita tida como ideal. A representação da escrita como *código escrito institucionalizado* que leva à reprodução de padrões coincide, pois, com o imaginário de autonomia do escrito em relação ao falado – identificada nos dados pela grafia não convencional por *hipercorreção*, conforme exemplifica “veveram”, na Figura 4.11.

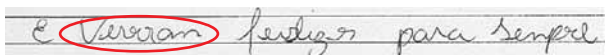


Figura 4.11 Fonte 5A_10_01. Arquivo pessoal

Corrêa (2004), a respeito das segmentações não convencionais como marcas do imaginário sobre o *código escrito institucionalizado*, comenta que “embora o critério fundamental do escrevente seja seguir o ‘modelo de escrita’, segui-lo significa orientar-se pela representação que se faz desse modelo” (Corrêa, 2004, p.223). As grafias não convencionais de vogais por *hipercorreção*, muitas vezes, parecem estar aliadas à representação de modelo de escrita de narrativas, como exemplifica o trecho indicado pela Figura 4.10. Não é de se descartar, porém, a possibilidade de que essa tentativa de reprodução de modelo permita, também, observar a marca de individuação do sujeito que

[...] se dá pelo movimento entre a reprodutibilidade de uma prática [...] e o dado de ineditismo por meio do qual o escrevente se representa nessa prática (momento em que o escrevente assume como sendo da alçada pessoal a formulação de seu texto). (idem, ibidem, p.226)

Essa relação entre a reprodutibilidade e o ineditismo pode ser observada na Figura 4.12, em particular pelo enunciado “e veveu triste para sempre”. Nesse trecho, ao mesmo tempo que o escrevente evidencia sua inserção em práticas

do letrado/escrito, marca sua autonomia na escrita, à medida que subverte o enunciado tradicional final de narrativa “e viveram felizes para sempre” pela escolha do adjetivo “triste” em vez de “feliz”. Quando opta por acrescentar algo seu ao texto, o escrevente se constrói como autônomo em relação ao pedido pela proposta (ou pela instituição).

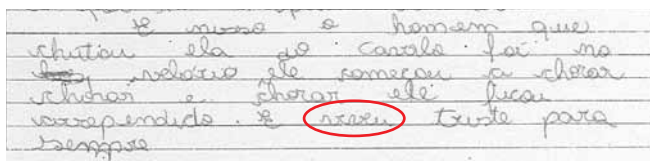


Figura 4.12 Fonte 5A_24_01. Arquivo pessoal

Os dados de ineditismo – analisados no tópico “As grafias não convencionais como registros da *gênese da escrita*” – indicam, também, uma aproximação entre a escrita dos escreventes e seu mundo. Neste dado, ainda que o escrevente parta de recriação inédita, continua associada à representação do *código escrito institucionalizado*, visto que a mudança, de cunho paródico, se dá pela escolha do adjetivo (“triste”, em vez de “feliz”) e pela “solidão” do personagem (uso do singular “veveu”, em vez de “viveram”), mantendo as demais características estruturais do “modelo” utilizado, como a posição no final do texto, a estrutura sintática e as escolhas lexicais – “e viveu [viveram] triste [felizes] para sempre”. Tal modelo de escrita tomado pelo escrevente aparece outra vez associado ao *código escrito institucionalizado* – representado pela grafia não convencional por *hipercorreção* da vogal pretônica da palavra “veveu” –, por uma imagem de escrita legitimada pelas instituições e, portanto, autônoma em relação à oralidade/fala.

Ainda pôde-se notar nos dados outro tipo de reprodução que parece, também, associado à representação do *código escrito institucionalizado*, como demonstramos por meio da análise de textos coletados da segunda proposta de produção do *corpus* pesquisado. Essa proposta requereu dos escreventes que contassem a própria história – “escreva um cordel que conte um pouco de sua história”. Embora trate da escrita de um texto narrativo – tipologia trabalhada com prioridade no decorrer da quinta série e nos quatro primeiros anos do ensino fundamental⁴⁰, não deve ser desconsiderado o fato de os escreventes não terem intimidade com o gênero cordel, que, na proposta, é tomado como formato a ser utilizado. Como modelo, os escreventes tinham, no exórdio, um cordel que contava a história de Bimba, um mestre de capoeira. O cordel intitulado “Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro” tinha como tema a biografia de Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba, um famoso capoeirista.

Considerando a hipótese de os escreventes não terem familiaridade com esse gênero, que circula em espaços bastante restritos, o único modelo que tinham às mãos era o cordel apresentado pela proposta. Ainda que tivessem tido contato com outros cordéis, é bem possível que tenha sido mediado pela escola. A dificuldade em contar a própria história e ao mesmo tempo formar rimas parece, pois, ter levado os escreventes a colocar em relevo a preocupação em rimar os versos de seu texto ou a preocupação com a autobiografia. Diante dessa dificuldade, foram várias as estratégias utilizadas, dentre as quais destacamos a do escrevente do texto na Figura 4.13.

40 Agradecemos a lembrança dessa informação pela profa. dra. Cristiane Carneiro Capristano (UEM), ao discutir nosso trabalho, ainda em desenvolvimento, no âmbito do II Selin.

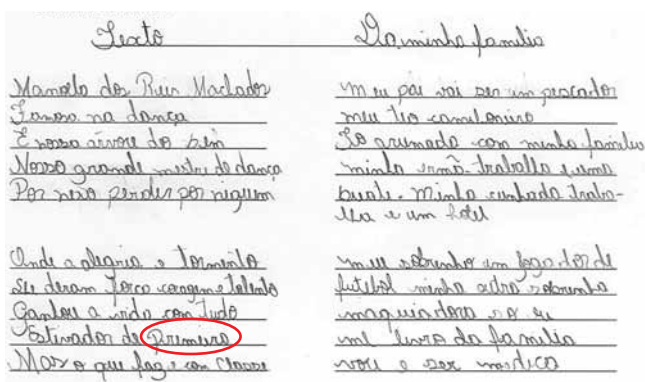


Figura 4.13 Fonte 5C_35_02. Arquivo pessoal

O engenho criado pelo escrevente é a cópia ou a paródia de versos contidos no exórdio. Neste texto, o escrevente plagia vários trechos, como “nosso grande mestre de dança”, que parodia o original “nosso grande mestre Bimba”, bem como “por não perder por ninguém”, que reescreve “por não perder pra ninguém”. Em seus versos, apropriou-se do cordel da proposta, fazendo pequenas alterações. Na segunda estrofe, há a transcrição de um trecho do cordel, que só não é exata por causa da grafia não convencional de “premeira” – “estivador de premeira”. A apresentação de um exemplo de cordel na proposta pode ter levado os escreventes à interpretação de que aquele texto era um modelo de escrita de acordo com as instituições escola e universidade (lembrando que o nome da escola e o timbre da Unesp constavam em todas as folhas de apresentação da proposta) e à reprodução de alguns versos, como exemplificado na Figura 4.13. Destaca-se, mais uma vez, que o caráter reprodutor notado nessa produção escrita, está atrelado à grafia não convencional por *hipercorreção*, evidenciando a relação que tais grafias mantêm com a representação do *código escrito institucionalizado*.

Outro exemplo, não tão evidente, de reprodução de trechos do cordel apresentado na proposta 2 é o texto a seguir (Figura 4.14), em que a escrevente parece se apropriar da locução “de primeira”, retirada do verso “Estivador de primeira”.

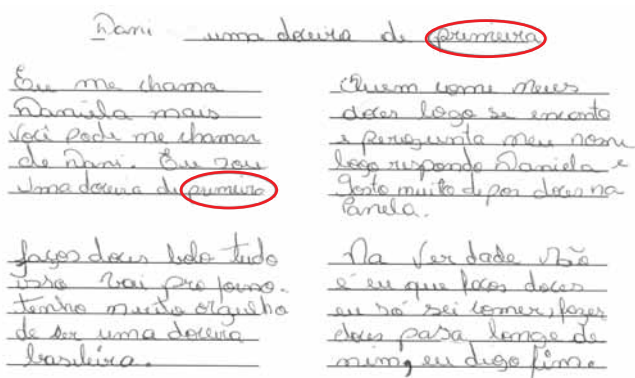


Figura 4.14 Fonte 5E_12_02. Arquivo pessoal

No cordel do exórdio da atividade, a locução “de primeira” valoriza a profissão de estivador exercida pela personagem antes de se tornar capoeirista. O sentido de valorização é mantido para a personagem Daniela, construída no texto da Figura 4.14. Interessante notar que esse sentido de valorização, que ocorre também no título, vai sendo construído no decorrer do texto, mas é desconstruído na conclusão, em que o enunciador-personagem confessa ser inverdade a imagem formada. Importa, porém, destacar a reprodução feita pelos dois textos (figuras 4.13 e 4.14), que surge de modo imperfeito, por haver grafia não convencional de vogal pretônica. Ambas as produções escritas parecem trazer

evidências de uma relação entre as grafias não convencionais por *hipercorreção* e o *código escrito institucionalizado*.

Em resumo, neste capítulo, as grafias não convencionais de vogais pretônicas são vistas como pistas para observar como se dá a réplica dos escreventes à proposta de produção textual. Tais grafias, portanto, não se restringem a desvios da norma, mas podem ser entendidas como evidências de como os escreventes se constituem na relação com sua escrita e com seu interlocutor. Além disso, observamos que a *gênese da escrita* pode ser identificada quando o escrevente grafia em desacordo com a convenção por *transcrição fonética* – cuja relação com o fonético/fonológico parece indicar a emergência do oral/falado –, por índice – quando uma grafia parece fazer referência a um aspecto do “objeto representado” –, por mimese – quando há a tentativa de “imitar a voz” – e por ineditismo – quando o escrevente se marca em sua escrita por uma relativa fuga à proposta. Outros registros da *gênese da escrita* são notados nas grafias não convencionais por *hipercorreção*, quando esse uso dos grafemas pode ser interpretado como possível entonação de ênfase associada à palavra. Quanto aos registros do *código escrito institucionalizado*, são especialmente notáveis nas grafias não convencionais de vogais pretônicas por *hipercorreção*, nas quais as representações que se fazem da escrita e do interlocutor são notadas pelo *valor* social projetado em certas escolhas lexicais, bem como pela *reprodução* de um modelo de texto em determinados gêneros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste livro, procuramos mostrar algumas tendências linguísticas das grafias não convencionais de vogais pretônicas, bem como algumas pistas, deixadas pelo sujeito, de sua representação da escrita. A análise se baseou na recusa de um posicionamento que opusesse, de forma dicotômica, fala e escrita – ou seja, de um lado a escrita, sistema puro e invariável, de outro a fala, heterogênea e variável. Assumimos a escrita como prática social heterogeneamente constituída pelo trânsito do sujeito entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito (Corrêa, 2004). A consideração da *heterogeneidade da escrita* levou-nos, também, a assumir a heterogeneidade da ortografia, que se dá pelas relações (não biunívocas) que as letras da escrita alfabética mantêm com os sons da fala.

Quanto às grafias não convencionais, concluímos que são resultado da percepção, pelos escreventes, das relações que as letras estabelecem com os sons. As grafias não convencionais por *transcrição fonética*, por exemplo, resultam da percepção da relação que o alfabeto mantém com o fonético/fonológico da língua. As grafias por *hipercorreção*, por outro lado, decorrem da percepção da não biunivocidade entre letras e sons. Ainda que reconheçamos que tais

percepções de aspectos da ortografia, na maioria das vezes, conduzem os escreventes a grafar segundo a convenção ortográfica, importaram-nos, em particular, os casos em que essas mesmas percepções os levaram a grafar de modo não convencional, à medida que foi pelos indícios deixados por essas grafias que encontramos algumas pistas das representações dos sujeitos-escreventes sobre a escrita.

Sobre a primeira pergunta formulada no início deste livro, a respeito da relação entre as grafias não convencionais de <e, i, o, u> e o fenômeno *alçamento* na fala, a análise dos dados mostrou indícios de que os escreventes levam em conta diferentes informações ao grafar as palavras relativas aos conhecimentos construídos em suas práticas de oralidade/fala e de letramento/escrita. De modo mais específico, destacamos o fato de as explicações para o alçamento na fala – *harmonização vocálica* e *redução da vocálica* – poderem explicar todos os dados de escrita em contextos de alçamento variável; isto é, tanto as *transcrições fonéticas* – como “pidido” – quanto as *hipercorreções* – como “cedades” – ocorreram em contextos nos quais era possível a realização de uma vogal alta. Em “pidido”, por exemplo, há possibilidade de explicação por *harmonização vocálica* – pela presença de uma vogal alta /i/ na sílaba subsequente – e por *redução vocálica* – pelo traço de altura na consoante /d/. Já em “cedades”, embora não seja um contexto de alçamento na fala, a realização de [i] poderia ser interpretada como alçamento de /e/, resultado de *redução vocálica*, por influência das duas consoantes adjacentes: a sibilante /s/, e a consoante /d/, por serem anteriores. Esse resultado levou-nos a concluir que tais contextos propícios ao alçamento – incluindo os dados em contexto de *alçamento categórico* – talvez tenham feito que os escreventes interpretassem [i] e [u] de suas falas de dois modos: a) como vogal alta /i/ ou

/u/, grafando <i> ou <u>; b) como vogal média /e/ ou /o/ alçada, grafando com <e> ou <o>.

A análise particularizada dos dados em contexto de alçamento categórico mostrou que as grafias não convencionais dos escreventes investigados, embora em discordância com a convenção ortográfica, apontam para o (re)conhecimento de suas tendências, de modo que no contexto (a) <e, i> seguidos de <n, m, s, x>, como “*enfância*”, e no contexto (b) <e, i> nas sílabas pretônicas “*des*” ou “*dis*”, como “*desculsão*”, a tendência notada na ortografia é a de grafar de preferência com <e>. De modo similar, essa foi a tendência observada nas grafias dos escreventes. Já no contexto (c) <e, i> em hiato, como “*baliado*”, a tendência da ortografia é a de grafar com <i>.

As relações observadas entre as grafias não convencionais de vogais e o fenômeno alçamento na fala revelaram alguns traços da relação que os escreventes estabelecem entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito, constituindo indícios de suas representações sobre a escrita. Tomando dois dos eixos de circulação do escrevente sobre a escrita, sugeridos por Corrêa (2004), apontamos o modo como algumas características das grafias não convencionais podem dar indícios da representação da *gênese da escrita* e do *código escrito institucionalizado*.

Os registros da representação da *gênese da escrita* são notados, em princípio, nas grafias por *transcrição fonética*, por evidenciar a percepção dos escreventes de critérios fonético-fonológicos do alfabeto, fazendo referência aos momentos em que “o escrevente tende a tomá-la [a escrita] como representação termo a termo da oralidade” (idem, 2004, p.10). Essa representação materializou-se, em alguns textos do *corpus*, como *índice* – quando a significação lexical poderia ser corroborada pela escolha de <i, u> –;

como *ineditismo* – quando o escrevente se constrói como autônomo na criação do próprio texto, por uma relativa fuga ao proposto – e como *mimese* – quando há tentativa de imitação da voz pela escolha de <i, u>, notadas em trechos de fala de personagem, por discurso direto ou indireto. Além disso, notamos que alguns dos dados inicialmente tratados como *hipercorreção* podem dar indícios da *gênese da escrita*, quando decorrem de uma tentativa de marcação de *ênfase*, pela grafia de <e>.

Os registros da representação do *código escrito institucionalizado* foram notados, por outro lado, apenas pelas *hipercorreções*, que revelam a percepção da determinação institucional dos grafemas, que não dependem exclusivamente do critério fonético-fonológico: “essas representações do escrevente tomam, nesse caso, como ponto de partida, o que ele imagina ser um modo já autônomo de representar a oralidade” (idem, ibidem, p.11). Algumas grafias não convencionais parecem ter sido orientadas por escolhas lexicais que denotam *valor* – determinado por uma institucionalização de valores sociais para cada palavra – ou por tentativa de *reprodução* de trechos tidos como modelo de alguns gêneros.

Os resultados alcançados com este trabalho mostraram, inclusive, que as expectativas dos PCNs, de que os estudantes, ao sair da quarta série, escrevessem de modo ortográfico as palavras mais frequentes, não foram correspondidas. Sendo assim, poder-se-ia concluir que as metodologias utilizadas na escola não atingem os objetivos expressos no documento, à medida que não impedem a ocorrência de grafias não convencionais, sobretudo de vogais pretônicas. Todavia, ressaltamos o fato de as grafias não convencionais estudadas não indicarem deficiência no ensino apenas pelo fato de não estarem grafadas de acor-

do com a convenção – induzindo à suposição de que esses escreventes não conhecem a ortografia das palavras mais recorrentes. De modo contrário a conclusões desse tipo, todos os resultados apontaram para a percepção, por parte dos escreventes, das características heterogêneas da ortografia, que podem se tornar mais ou menos proeminentes nos diferentes momentos de seu processo de escrita – é o que revelam as flutuações de escolha de grafemas ocorridas em um mesmo texto. Portanto, ainda que se considere a necessidade de revisão dessas metodologias, que devem considerar o processo de produção escrita – notando as diferentes percepções do escrevente – e não o produto – percebido apenas pelo resultado (como acertos ou como erros) –, ressaltamos o fato de que são essas mesmas metodologias que, ao desenvolver as percepções das características da ortografia, os conduzem tanto às grafias escritas de acordo com essa convenção quanto às não convencionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, M. B. M.; FIAD, R. S.; MAYRINK-SABINSON, M. L. *Cenas de aquisição da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1997.
- ABAURRE-GNERRE, M. B. “Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil.” *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.2, p.23-45, 1981.
- ADAMOLI, M. A. *Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia*. Pelotas, 2006. Dissertação de mestrado em educação – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.
- BAKHTIN, M. “Gêneros do discurso”. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1989.
- BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. Rio de Janeiro, 1981. 280f. Tese de doutorado em língua portuguesa – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (orgs.) *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetizando sem o BA-BE-BI-BO-BU*. São Paulo: Scipione, 1998.
- _____. “Aspectos teóricos da ortografia”. In: SILVA, M. (org.) *Ortografia da língua portuguesa: história, discurso e representações*. São Paulo: Contexto, 2009.
- CAMARA, J. M. Jr. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- CAPRISTANO, C. C.; CHACON, L. Aquisição da escrita infantil: considerações sobre a relação oral/escrito. In: Simpósio em filosofia e ciência, n. 5, 2003, Marília. *Anais do V Simpósio em Filosofia e Ciência*. Marília: UNESP Marília Publicações, 2003.
- _____. *Aspectos de segmentação na escrita infantil*. São José do Rio Preto, 2003. 213f. Dissertação de mestrado em estudos linguísticos – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- CARMO, M. C. *As vogais pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. São José do Rio Preto, 2009. 117f. Dissertação de mestrado em estudos linguísticos – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- CELIA, G. F. *Variação das vogais médias pretônicas no português de Nova Venécia – ES*. Campinas, 2004. 114f. Dissertação de mestrado em estudos linguísticos – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual de Campinas.
- CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. Campinas, 1996. 389f. Tese de doutorado em linguística – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

- CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- COLLISCHONN, G. “A sílaba em português”. In: BISSOL, L. (org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- CORREIA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. Campinas, 1997. 435f. Tese de doutorado em linguística – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- _____. “Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português”. In: SIGNORINI, I. (org.) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p.135-66.
- _____. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- EMILIO, A. “Diminutivo versus grau normal: um enfoque estilístico no enfoque da abordagem variacionista”. *Revista da ABRALIN*, v.II, n.1, p.9-49, jul. 2003.
- GINZBURG, C. “Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes”. In: ECO, U.; SEBEOK, T. A. (orgs.) *O signo de três: Dupin, Holmes, Peirce*. São Paulo: Perspectiva, 1991, p.89-129.
- GONÇALVES, C. A. V. “Ênfase prosódica e variação (socio)linguística”. *Signum: estudos da linguagem*, n.1, p.73-84, 1998.
- INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0*. [s.l.]: Objetiva, 2009.
- LEMLE, M. “Analogia na morfologia: estudo de um caso”. *Revista Brasileira de Linguística*, Petrópolis, n.1, p.16-21, 1974.

- LEMOS, F. A. P. *Interferência da oralidade na escrita: o caso do registro ortográfico do “e, i, o, u” átonos*. Belo Horizonte, 2001. 184f. Dissertação de mestrado em linguística – Universidade Federal de Minas Gerais.
- MARCATO, F. *A realização das vogais mediais de prefixos na variedade do noroeste paulista*. São Paulo: Fapesp, 2010. 101p. Relatório final de pesquisa de iniciação científica relativo ao Proc. 2009/10684-9.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. A. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: _____. *Gêneros textuais e ensino*. 5.ed. São Paulo: Lucerna, 2002.
- MARQUES, S. M. O. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. Rio de Janeiro, 2006. 159f. Tese de doutorado em língua portuguesa – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. *Diante das Letras: a escola na alfabetização*. Campinas: Mercado de letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fapesp, 1999.
- MIRANDA, A. R. M.; SILVA, M. R.; MEDINA, S. Z. “O sistema ortográfico do português brasileiro e sua aquisição”. *Linguagens e Cidadania*, v.14, p.1-15, 2005.
- _____. Um estudo sobre a aquisição ortográfica das vogais no português. In: ANPED Sul, n.7, 2006, Santa Maria.
- _____. “A grafia das vogais pretônicas em textos da escrita inicial”. In: Congresso Internacional da ALFAL, XV, 2008, Montevideu. *Livro de Resúmenes*. Montevideu: Imprensa Gega, 2008. v.1, p.271-271.

- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Unesp, 2000.
- OLSON, D. R.; TORRANCE, N. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.
- PAULA, I. F. V. *Movimentos na escrita inicial de crianças: um estudo longitudinal de hipersegmentações*. São José do Rio Preto, 2007. 152f. Dissertação de mestrado – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- REIS, M. C. “Sempre [i], às vezes <e>, às vezes <i>: heterogeneidade na escrita de vogais”. In: II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2010, Évora. *Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2010. p.128-49.
- RODRIGUES, M. C. *O hiato no português: a tese da conspiração*. Rio de Janeiro, 2007. 133f. Dissertação de mestrado em letras – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Educação. *Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa*. São Paulo: SEE. 2008.
- SCHWINDT, L. C. *O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical*. São Paulo: DELTA, 2001. v.17, n.2, p.175-207.
- SCLIAR-CABRAL, L. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.
- SELKIRK, E. O. “The syllable”. In: HULST, H.; SMITH, N. *The Structure of Phonological Representations*. Dordrecht: Foris, 1982. p.337-83.

- SILVA, A. *Alfabetização: a escrita espontânea*. São Paulo: Contexto, 1991.
- SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. São José do Rio Preto, 2008. 153f. Dissertação de mestrado em estudos linguísticos – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- TENANI, L. E. “Segmentações não convencionais e teorias fonológicas”. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.39, n.3, p.233-44, 2004.
- _____. “Notas sobre a relação entre constituintes prosódicos e a ortografia”. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v.16, n.1, p.231-45, jan./jun. 2008.
- _____.; SONCIN, G. C. N. “O emprego de vírgulas: evidências de relação entre enunciados falados e escritos”. In: Simpósio Mundial de Língua Portuguesa, II, 2010, Évora. *Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2009. v.1. p.44-65.
- _____.; REIS, M. C. “A grafia das vogais pretônicas de nomes e verbos: análise de textos de alunos de quinta série do Ensino Fundamental”. In: SIS-Vogais, II, 2009, Belo Horizonte. *Programação...* Belo Horizonte, 2009.
- VIANA, V. F. *As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística* – Belo Horizonte, 2008. 146f. Dissertação de mestrado em linguística e língua portuguesa – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- VIEGAS, M do C. *Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 231f. 1987. Dissertação de mestrado em linguística – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

Referências eletrônicas

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997. 144p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2011.

CAMPOS, L. B. B. “As vogais pretônicas no noroeste paulista: estudo das sílabas VC em início de palavra”. In: SEMINÁRIO DO GEL, n.58, 2010. São Carlos. *Programação...* São Carlos: GEL, 2010. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=6332-10>>. Acesso em: 11 abr. 2011.

APÊNDICES

Apêndice A – Transcrição das propostas de produção textual

Proposta 1

- Observe o diálogo e discuta com seus colegas e seu (sua) professor(a) como o tema amoroso é tratado.



- A partir da discussão, escreva um texto que dê continuidade à história, contando o que aconteceu com cada uma das personagens após a cena do último quadrinho. Para escrevê-lo, assuma a visão de uma das personagens.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.
- Dê um título ao texto.

Proposta 2

- O cordel abaixo conta a história do Mestre Bimba, um capoeirista. Leia-o com atenção.
(Na proposta, havia um trecho do cordel intitulado “Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro” (Bule-Bule, Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro, Salvador, Filhos de Bimba, Liceu de Artes e Ofícios da Bahia, 1992, p.1), cujo tema era a biografia de Manoel dos Reis Machado, o mestre Bimba, um famoso capoeirista.)
- Como visto, o cordel é um tipo de texto em que se pode identificar tanto elementos da narração (personagens e ações) quanto da poesia (rima).
- Levando em conta esses aspectos, escreva também um cordel que conte um pouco de sua história.
- Você deve escrevê-lo em primeira pessoa, no espaço de quatro estrofes, abaixo delimitado.
- Dê um título ao texto.

Proposta 3

- A tirinha abaixo foi criada por Mauricio de Sousa, um dos mais conhecidos cartunistas infantojuvenis brasileiros. Suas principais personagens (Mônica, Cascão, Cebolinha e Magali) foram inspiradas na vida real. Observe-a com atenção e, em seguida, discuta com seus colegas as características de cada uma das personagens, tendo em vista os desejos de cada um.
(Na proposta, foi apresentada a tirinha da Turma da Mônica sobre o “Poço dos Desejos”, disponível em: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira119.htm>. Tratava-se de uma tirinha com três quadros. O primeiro retratava Mônica, pensando em um ursinho de pelúcia, ao jogar uma moeda no “poço dos desejos”.

No segundo quadro, semelhantemente, Cebolinha, pensando em um carrinho de brinquedo, repete a atitude de Mônica, jogando uma moeda no mesmo poço. Por fim, no terceiro quadro, é retratada Magali, pensando em pirulito, sorvete, bombom, ao sair de dentro poço com moedas na mão.)

- Imagine que agora é a sua vez de depositar uma moedinha no poço dos desejos e produza um texto contando seus maiores sonhos: que objetos gostaria de comprar, que lugares gostaria de conhecer, que profissão você pretende exercer etc.
- Seu texto deve conter de 15 a 20 linhas e deve ser escrito a tinta. Não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.

Proposta 4

- Observe os quadrinhos do Chico Bento e seu primo da cidade.

(Na proposta original, foram apresentados três pares de cenas tirados da HQ “Chico Bento em Dia Divertido”. No primeiro par de cenas, há o Chico Bento sentado na sua cama, acordando e, da janela do quarto, se visualiza a paisagem do campo; ao lado dessa cena, há a cena do primo do Chico Bento, sentado na sua cama, acordando e, da janela do quarto, se visualiza a paisagem da cidade. No segundo par de cenas, há o Chico Bento sentado na beira do rio, pescando; ao lado dessa cena, há o primo do Chico Bento jogando vídeo-game. No terceiro par de cenas, há o Chico Bento brincando no rio; ao lado, há a cena do primo do Chico Bento, brincando em uma piscina de plástico.)

- Chico Bento e seu primo fazem coisas parecidas ao longo do dia, mas cada um não sabe o que o outro faz. Suponha que você, como Chico Bento, tenha

ouvido falar sobre a possibilidade de contar por meio da internet sobre as coisas que faz.

- Escreva uma carta para seu primo da cidade, pedindo para ele contar o que é a internet e como se manda mensagem por MSN.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito a tinta. Não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título.

Proposta 5

- Leia o trecho a seguir, retirado do livro *Admirável mundo louco*, de Ruth Rocha.

(Na proposta, foi apresentado o trecho do livro que se inicia em “Sou estudante de Fláritis...” e termina em “grande nuvens de fumaça em forma de cogumelos...” e está disponível em: http://www2.uol.com.br/ruthrocha/historias_18.htm. No trecho, a personagem extraterrestre descreve, a partir de um ponto de vista externo ao planeta Terra, os modos de habitação deste planeta (como o tamanho e o formato das casas) e algumas das características de seus habitantes (como a forma do corpo e alguns de seus hábitos).)

- Imagine que você é um astronauta que foi mandado a algum planeta do sistema solar. Quando você chegou lá, encontrou alguns habitantes daquele planeta estranho.
- Da mesma maneira que o extraterrestre descreveu o planeta Terra, escreva uma narrativa em que você seja o personagem principal, contando como era o planeta e seus habitantes.

Proposta 6

Com a chegada das festas do final do ano, acontecem várias promoções de prêmios e sorteios de viagens. Supo-

nha que, neste ano, ocorra um sorteio de quatro pacotes turísticos para os alunos de sua escola e que você ganhe uma viagem de avião, com direito a acompanhante, por oito dias, para a Disneylândia, nos Estados Unidos, com tudo pago!

- Com base em seus conhecimentos, conte como você espera que sejam esses oito dias da viagem.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito a tinta. Não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título ao texto.

(Na apresentação da proposta, foi disponibilizada uma imagem do castelo da Disney, disponível em: http://3.bp.blogspot.com/_6KbelgiYSgk/SRLv5JG-wjI/AAAAAAAAALnA/9jNuzATgMMA/s400/Disney-World+16.jpg)

Apêndice B – Tabelas com os resultados de grafias convencionais

Tabela B.1 Grafias convencionais em contexto de alçamento categórico

	(a)		(b)		(c)			
	<e>	<i>	<e>	<i>	<e>	<i>	<o>	<u>
P1	332	21	32	5	2	28	11	31
P2	269	59	5	1	6	30	8	3
P3	137	40	5	0	51	75	49	11
P4	516	35	6	0	4	53	5	7
P5	441	9	21	0	7	115	9	16
P6	387	27	5	2	0	740	5	5
Total	2.082	191	74	8	70	1.041	87	73

Tabela B.2 Grafias convencionais em contexto de alçamento variável

Tabela 5.	<e>	<i>	<o>	<u>
P1	937	490	764	345
P2	423	284	288	82
P3	1.092	499	733	192
P4	763	434	521	150
P5	714	393	544	158
P6	967	692	806	143
Total	4.896	2.792	3.656	1.070

Apêndice C – Quadros com as grafias não convencionais encontradas

Quadro C.1 Grafias não convencionais em contextos de alçamento categórico

Transcrição fonética			Hipercorreção		
(a)	(b)	(c)	(a)	(b)	(c)
23	12	21	26	6	10
imhora imprego impresas impresas incinou incontrar indendeou (entendeu) indereso infrentarei insina insinar insinar insine intalado intendi intendia interrado intreter isperiência isquisito istadia istadia istoria	discansa(r) descobri descobriu desculpas discupa disfile disfile dismaiar despedindo dispertar diperdador dispidir	<i> baliado paciando paciar passando pentiado sortiado sortiado sortiado sortidos sortiam tiatro <u> amuntuos capuera capuerita duença duende duente juelho mueda muetinhas vuava	hestória emploro emportantes emporte (importe) encrivel encrivel encrivel encriveu enfelzimente enfernizar enferno enformatica engles engrivel enteira inteiro inteiro entereçada enterecei interessante anterior enternete enterrogação envadia enventando envisíveis	desculsão desfarçadas desfarçado desfarçados desparado desparar	<e> anceoso anceoso aveao aveão cureosidade veagem veagem veajar <o> gratoito soado

Quadro C.2 As grafias não convencionais por transcrição fonética em contextos de alçamento variável⁴¹

Transcrição fonética			
79			
Nomes		Verbos	
42		37	
coronais	dorsais	coronais	dorsais
20	22	19	18
<u>atindida</u>	acostumado	cigurando	acostuma
<u>desesperado</u>	amuntuaados ⁴²	conçiguiram	acostuma
<u>desespero</u>	bunitão	conçiguiuo	cusinhar
<u>desispero</u>	bunitinho	conçiguiuo	descubri
<u>esquicido</u>	cumida	conçiguir	descubri
<u>esquicido</u>	cumprido	conçiguir	descubrir
<u>filizes</u>	cumprido	conçiguir	descubrir
<u>filizes</u>	cumpridos	conçiguirei	descubriu
ligal	curuja	dicidiu	dumir
mininas	cusinheiro	dirubava	durmimos
obidiencia	cutuvelo ⁴²	disidiu	durmir
persiguição	fuguete	persigui-los	durmir
piquenas	fuguete	pidir	muntei
piqueninha	fuguete	prissisa	munto(u)
piquinha	fuguete	quiria	putia
piquininha	fuguete	quiria	putia
piriquito	muleque	sigir	putia
siguansa	oportunidade	siguiuo	putiam
siguansa	subrinho	vistiú	
siviços	sucegado		

41 Legenda para os quadros C.2 e C.3: **negrito**, contexto de *harmonização vocálica*; sublinhado, contexto de *redução vocálica*.

42 Foram contabilizadas as duas grafias de <u> não convencionais da palavra.

Quadro C.3 As grafias não convencionais por hipercorreção em contextos de alçamento variável

Hipercorreção			
86			
Nomes		Verbos	
54		32	
coronais	dorsais	coronais	dorsais
47	7	23	9
<u>animalzinho</u> <u>cedades</u> cotediato <u>deferente</u> <u>deferente</u> <u>deferentes</u> <u>deferentes</u> <u>degitação</u> <u>denheiro</u> <u>dereito</u> <u>deretora</u> desciplinada <u>deversas</u> <u>devertido</u> <u>devertido</u> digetal esquesitas esquesitas esquesito esquesito esquesito esquesito esquesitos esquesitos esquesitos mesteriosos novidade obregado obregado pescina pesina pesina pesina pesinas	compotador conhado golozeimas logar mulher Mulher popila	adesiona (adicionar) adesona (adiciona) avestou conquistar contenua contenuou decedi desestiu desseram divertindo devertiu fecando fecaram fecou fecou fequei fequei provedenciei quesser quezer vevendo vever veveram	comprimentar comprimentou fogindo fogir fogiu poder (puder) podessem polando sobi (subi)

(continua)

(continuação)

Hipercorreção			
86			
Nomes		Verbos	
54		32	
coronais	dorsais	coronais	dorsais
47	7	23	9
premeira premeira premeiramente premeiro premeiro premeiro premeiro requeza senceros tereto vertuais vetoria			

SOBRE O LIVRO

Formato: 12 x 21 cm

Mancha: 8,6 x 16,5 cm

Tipologia: Horley Old Style 10,5/14

1ª edição: 2011

EQUIPE DE REALIZAÇÃO

Coordenação Geral

Arlete Zebber

ISBN 978-85-7983-186-7



9 788579 831867

CULTURA
ACADÊMICA 
Editora